



A ^{31/1} **Liahona** ^{janero} ¹⁹⁷⁸



A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE

Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight

COMITE DE SUPERVISAO

Gordon B. Hinckley
Marvin J. Ashton
L. Tom Perry
Marion D. Hanks
James A. Cullimore
Robert D. Hales

EDITOR DAS REVISTAS DA IGREJA

Dean L. Larsen

EXECUTIVO DO INTERNATIONAL MAGAZINE

Larry Hiller, Editor Gerente
Carol Larsen, Editor Associado
Roger Gylling, Desenhista

EXECUTIVO DA «A LIAHONA»

José B. Puerta, Editor Responsável
Maria Antônia Brown, Redatora
Moacir S. Lopes, Supervisor de
Layout

A Liahona

HISTÓRIAS E DESTAQUES

MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: "GUIAR COMO GUIOU O SALVADOR" — Presi- dente Nathan Eldon Tanner	1
SER UM BOM SEGUIDOR — Roger Merrill	6
O DEVER, O DESAFIO, O QUORUM	12
PERGUNTA E RESPOSTA — Hortense H. Child ..	16
EXCESSIVAMENTE JOVEM — Ruth H. Funk ...	18
O IMPORTANTE É A POSIÇÃO — Elder Boyd K. Packer	29
JOSEPH SMITH — CINCO QUALIDADES DE LI- DERANÇA — William E. Berrett	31
SAUNIATU: PREPARANDO-SE PARA IR AVANTE — Brian K. Kelly	35
NOTÍCIAS LOCAIS	45
SEÇÃO INFANTIL	
"FRAU" HOFMANN — Elizabeth Lane	21
O MASCARADO — Murray T. Pringle	24

REGISTRO: está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o n.º 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 40,00; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea: US\$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 4,00. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — c 1977 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Imprensoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta pela Linoletra, R. Abolição, 201, tel. 32-7743. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, R. Peribeubui, 331, tel. 276-8222, S. Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Mensagem da Primeira Presidência

A fim de que alguém possa ser um líder ou professor bem sucedido (e usarei esses termos indiferentemente) dentro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, é importante que compreenda e se aperceba completamente de que é um filho espiritual de Deus, e que as pessoas que lidera são também filhos espirituais de Deus. É importante também que aqueles a quem ele lidera saibam e compreendam que são filhos espirituais de Deus, e saibam quão importante é tal conhecimento para suas vidas. Eles devem reconhecer que Deus está interessado neles, deseja que vivam da maneira correta, e está pronto a responder às suas orações e ajudá-los, onde quer que seja possível, caso eles escutem.

Alguém já disse que a liderança denota certa coragem. É, afinal de contas, a tarefa de abrir o caminho, ir primeiro, ficar diante da multidão, da congregação, a audiência sem identificação de milhares, ou o duro olhar de um único que duvida.

Todos são líderes ou influenciam as vidas de outras pessoas, mesmo que não se apercebam disso. A pergunta é: Que tipo de líder ele será? Qual a influência que exercerá?

Cada um deve tomar sua própria decisão com respeito ao tipo de líder que será. Deve estar determinado a ser o modelo de líder que diga, como Jesus: "Vem, segue-me", e "faizei com me vistes fazer", sabendo que está guiando no caminho da

Guiar Como Guiou o Salvador

Presidente N. Eldon Tanner
Primeiro Conselheiro na Primeira
Presidência



verdade e retidão. Este deve ser o objetivo final de todo líder.

A fim de guiar como Jesus guiou, é preciso enfrentar muitos desafios.

Um dos primeiros passos ao enfrentá-lo é compreender que Cristo é um modelo da liderança correta; e que, à medida que estudamos o relato de sua vida nas escrituras, e os seus ensinamentos, estes se tornam estudos de caso de liderança divina. Guiar como ele guiou requer que pesquisemos e entendamos as escrituras e que as apliquemos em nossas vidas. Como disse Néfi, devemos “(aplicar) todas as escrituras às nossas circunstâncias...” (1 Néfi 19:23); e como disse o Senhor: “Pois vivereis de toda a palavra que sai da boca de Deus.” (DeC 84:44.)

Lemos em 3 Néfi:

“E bem-aventurados são todos os perseguidos por amor ao meu nome, pois deles é o reino dos céus.

“E bem-aventurados sereis vós, quando os homens vos injuriarem e perseguirem e vos acusarem de toda sorte de falsidade, por minha causa.

“Pois muito vos regozijareis e grandemente vos alegrareis, porque grande será a vossa recompensa no céu; pois assim perseguiram os profetas que existiram antes de vós.

“Em verdade, em verdade vos digo que a vós é dado serdes o sal da terra; mas, se o sal perder o seu sabor, com que será a terra salgada? O sal será desde então imprestável e só servirá para ser atirado fora e pisado pelos pés dos homens...

“E eis que vos dei a lei e os mandamentos de meu Pai, a fim de que acrediteis em mim, vos arrependais dos vossos pecados e chegueis a mim com um coração quebrantado e um espírito contrito. Eis que tendes os mandamentos à vossa frente e a lei está cumprida.

“Por conseguinte, vinde a mim e salvai-vos; porque em verdade vos digo que, a não ser que observeis os meus mandamentos, que agora vos são dados, de nenhuma forma entrareis no reino dos céus.” (3 Néfi 12:10-13, 19-20.)

Quando Cristo veio à terra para salvar a humanidade, a fim de que pudessem voltar a viver novamente com seu Pai Celestial, ele não disse: “Obedecereis a algumas leis, mas a outras não obedecereis.” Com relação aos mandamentos, ele não disse: “Este eu cumprirei e aquele não.” A despeito de sua experiência, dor e sofrimento no Jardim do Getsêmani, ele perseverou até o fim e deu sua vida, para que os homens pudessem ter a imortalidade e vida eterna.

É extremamente importante que aprendamos a obedecer e guardar os mandamentos de Deus. Foi dito que obediência não é a característica de um escravo; é uma das qualidades primordiais de um líder.

Algumas pessoas deixam de se tornar grandes líderes, porque não aprenderam a seguir instruções — mesmo os ensinamentos de Jesus Cristo. A fim de guiarmos como Jesus, devemos, antes de mais nada, aprender a seguir a Cristo, conforme ele seguiu seu Pai nos céus. Temos de manter em mente aquelas metas eternas às quais me referi, e, como filhos espirituais de Deus, tornar-nos mais e mais semelhantes a ele, até que sejamos perfeitos. Não vamos somente crer em Cristo, mas segui-lo. Adorem-lo e sejamos sempre obedientes a seus ensinamentos.

Quando perguntaram a Joseph Smith como governava tão bem o seu povo, ele respondeu: “Ensino-lhes os princípios corretos e eles governam-se a si mesmos.” (Journal of Discourses 10:57.) Esta é a essência da abordagem do Senhor à liderança, implicando que devemos assegurar-nos de que ensinamos princípios corretos

com um testemunho e compreensão do evangelho. Compreender os princípios do evangelho dará muito mais liberdade, e proporcionará muito mais crescimento que o mero treinamento em técnicas.

Um líder na Igreja é também um professor, e um dos maiores instrumentos para o ensino é o exemplo, o instrumento que Cristo sempre usou. Embora possamos não estar cômnicos disso, o que ensinarmos pelo exemplo se tornará mais persuasivo que aquilo que intencionalmente ensinarmos por preceito, e deixará muito mais impressões naquele que aprende.

Para sermos um líder ou professor eficiente, devemos mostrar amor, e realmente amar a pessoa que tentamos ensinar. Nenhum poder é tão persuasivo como a força do amor. Cristo amou a todos — o fraco, o pecador, o reto. Por vezes, aqueles que mais necessitam ser amados são os que parecem menos merecer amor. Embora possamos não apreciar ou aprovar o que alguém faz, devemos, ainda assim, mostrar amor a essa pessoa.

Muitas vezes um líder necessita de ter paciência e compreensão. Ele não pode sempre agir impetuosamente, e nunca deve reagir com violência. Nem todas as pessoas podem seguir o seu ritmo. Disse o Presidente Joseph F. Smith:

“Nos líderes, a impaciência excessiva e os pensamentos melancólicos são quase imperdoáveis, e às vezes, é necessário tanta coragem para esperar como para agir. Espera-se, pois, que os líderes do povo de Deus e o próprio povo, não sintam que devem ter de imediato uma solução para cada problema que surge e perturba o curso normal de suas vidas.” (A Doutrina do Evangelho, p. 140.)

Outro passo importante na liderança é a delegação. Quem recebe a delegação, deve receber uma mordomia significativa. Designar a mordomia é o dever do líder.

Cada indivíduo deve aceitar a mordomia designada e comprometer-se a realizar suas tarefas, conforme foi ensinado. Deve receber autoridade, juntamente com a responsabilidade. Sócrates (470-399 A.C., filósofo grego) disse, segundo lhe atribuem: “Qualquer dever que me designes, preferiria mil vezes e mais depressa morrer, a esquecê-lo.”

Um líder jamais deve tentar fazer o trabalho daquele a quem deu uma designação. Como disse o Presidente (Harold B.) Lee: “Que eles façam tudo o que puderem, e você permaneça atrás, para ensiná-los **como** fazer. Penso que aí está o segredo do crescimento: estabelecer responsabilidades e então ensinar nosso povo a **como cumpri-las**.”

Dê-lhes liberdade para realizar suas tarefas. Nunca os critique, mas louve o sucesso e incentive os esforços. Devemos fazer com que cada um compreenda a grande importância de ser chamado. Um líder nunca deve ser alguém a quem nos referimos como ‘o chefe’, mas conforme ensinou o Salvador, alguém que serve com o povo. Ele disse: “Porém o maior dentre vós será vosso servo.” (Mateus 23:11), e deu-nos o grande exemplo, quando lavou os pés de seus discípulos. Ele também disse que “. . .o que a si mesmo se exaltar será humilhado; e o que a si mesmo se humilhar será exaltado.” (Mateus 23:12.)

Lembro-me de ouvir o Presidente Grant dizer freqüentemente que jamais daria uma designação a alguém, de um trabalho que ele próprio não estaria apto a fazer.

Um bom líder preocupa-se com o bem-estar de seu seguidores, ou daqueles a quem serve. Quando servi como oficial de gabinete do governo da província de Alberta, Canadá, tinha muitas decisões difíceis a tomar. Sempre perguntava a mim

mesmo: "O que será melhor para a província, para o povo que será atingido pela decisão, e para os empregados do departamento?" Eu também debatia os problemas com os líderes das diferentes divisões do departamento, particularmente os mais atingidos, e fazia-os sentir que estavam aceitando pelo menos alguma responsabilidade, seguindo-se o fato de que eu sempre me dirigia ao Senhor buscando orientação, e a recebia, e assim era capaz de tomar decisões que não poderia assumir de outra forma.

Como líderes, devemos compreender o que o Senhor disse: "Porque eis que esta é a minha obra e minha glória: proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem." (Moisés 1:39.) Ele também disse: "Portanto, como sois agentes, estais empenhados no serviço do Senhor; e tudo o que fizerdes de acordo com a sua vontade, é negócio do Senhor." (DeC 64:29.)

Sim, nós, como líderes, estamos empenhados no serviço do Senhor, e devemos dar estrita atenção ao crescimento individual de cada um, ensinando princípios corretos e tentando guiar cada indivíduo a se preparar para a imortalidade e a vida eterna. Devemos fazer isso por exemplo e preceito, e então estar preparados para ajudá-los e apoiá-los em seus esforços, mas devemos deixar que tomem suas próprias decisões, e governem-se a si mesmos, de acordo com o livre arbítrio que é seu dom.

Lembremo-nos das palavras do Senhor a Joseph Smith, com relação à mordomia: "O Senhor requer que todo mordomo presente contas de sua mordomia, tanto nesta vida como na eternidade." (DeC 72:3.)

Quando um líder dá uma designação, deve ser claramente compreendida. O âmbito da responsabilidade deve ser esclarecido, e então o indivíduo deverá estar livre para agir e cumprir sua designação,

recebendo um tempo determinado para o relatório de progresso ou final. Um relatório deve ser sempre prestado ao líder, e este deve esperar essa prestação de contas.

Na administração da Igreja, a ferramenta básica para a prestação de contas é a entrevista pessoal. Se o relacionamento entre o entrevistado e o entrevistador for como deve ser, esta pode ser uma experiência recompensadora para ambas as partes, onde há oportunidade para se fazer uma auto-avaliação, e onde o diálogo deve ser aberto e construtivo. É a oportunidade ideal para se oferecer e receber auxílio e assistência.

Minha experiência na política e no mundo dos negócios assim como na Igreja, tem ressaltado esta grande necessidade de delegação adequada de autoridade, acompanhamento e prestação de contas.

Devemos considerar os sete passos seguidos por Cristo na delegação.

Primeiro, a organização da Igreja que Cristo estabeleceu foi estruturada no sistema de delegação de autoridade.

Segundo, ao delegar, Jesus não fazia as designações parecerem fáceis; fazia-as parecerem emocionantes e desafiadoras.

Terceiro, Jesus fazia com que aqueles a quem chamava conhecessem e compreendessem inteiramente seus deveres.

Quarto, Jesus depositava total confiança nas pessoas a quem delegava responsabilidades, como seu Pai havia feito com ele.

Quinto, Jesus emprestava sua lealdade àqueles a quem chamava, e esperava a lealdade deles como recíproca.

Sexto, Jesus esperava muito daqueles a quem delegava responsabilidade, e estava preparado para dar muito.

Sétimo, Jesus ensinou que aquele que lidera, deve acompanhar o progresso do

liderado, e deve receber uma prestação de contas das responsabilidades conferidas, elogiando ou reprovando, caso necessário, em espírito de amor.

Nossa única esperança de grandeza está em seguirmos o exemplo de Cristo. Para sermos um grande líder, temos de fazer o seguinte:

Primeiro, enxergar em nosso Salvador o perfeito exemplo de liderança.

Segundo, aceitar o papel de mestre e servo.

Terceiro, pesquisar as escrituras, para encontrar os princípios corretos.

Quarto, orar buscando orientação, ouvir, e seguir a orientação recebida.

Quinto, ajudar o indivíduo a desenvolver-se no autogoverno.

Sexto, responsabilizar as pessoas por suas tarefas.

Sétimo, elogiar e reconhecer convenientemente.

Oitavo, dar exemplo pessoal concreto daquilo que ensinar.

Nono, escutar a voz do Presidente da Igreja, que é um profeta de Deus, e seguir seu conselho e exemplo.



Ser Um Bom Seguidor

Roger Merrill



Este era o local aonde ele vinha pensar, ponderar e orar. A silhueta do presidente refletia-se contra o céu avermelhado do pôr-do-sol, enquanto ele se balançava vagarosamente em sua cadeira de palha. Vista da porta traseira da casa da missão, a cidade, como um grande tapete,

estava maravilhosa, mas ele dificilmente poderia observar isso, pensando nos milhares que, ainda ignorantes, tinham fome da verdade.

Com a desobrigação do élder Cardon, que se efetivaria dentro de duas semanas, o presidente precisaria de um novo assisten-

te. Qual dos 120 missionários ele deveria chamar? Um a um, ele pensou nos líderes de zona atuais. Quando lhe vinham à mente os pensamentos sobre determinado líder, ponderava: “De muitas maneiras e em muitos aspectos ele é o mais experimentado e qualificado de todos os meus líderes. Sua zona o seguia bem, mas ele também era a fonte de muitos de meus problemas. Às vezes ele estabelece uma tarefa a cumprir (e faz um bom trabalho), mas nunca me relata o que fez. Fico sempre surpreso e tenho de mudar os planos. Peço-lhe que faça algo e ele quase nunca faz, mas, em vez disso, faz o que acha que deve ser feito e ainda por cima tenta convencer-me de que aquilo é o que realmente deveria ter sido feito. Já discuti esse assunto com ele, mas ele nunca parece desejar de aceitar minhas ponderações. Não... acho que seria melhor apresentar outro nome ao Senhor”.

Freqüentemente um líder talentoso fica abaixo de seu potencial, por causa de sua fraqueza como seguidor. Após algum tempo, aquele líder pensará por que parece que ninguém confia completamente nele, e por que suas sugestões encontram sempre crescente resistência da parte dos seus líderes. A habilidade de obter confiança e influência da posição de servo é uma técnica de liderança muitíssimo importante, embora, constantemente menosprezada no treinamento de um líder.

As escrituras contêm muitas lições valiosas acerca de como podemos ser seguidores eficientes, e ganhar a confiança de nossos líderes. O desenvolvimento de um grande seguidor pode ser observado dentro de uns poucos versículos motivadores do livro de Éter. Ao ser mencionado o irmão de Jared, pensamos no poderoso, forte e fiel líder dos Jareditas. Entretanto, parece que essas grandezas não foram meramente conferidas, mas por ele desenvolvidas dentro de um período de tempo, e

aprimoradas pelas provações. Abram seu exemplar do Livro de Mórmon em Éter, capítulo 2, e comecem a ler no versículo 14, onde está registrado: “E aconteceu que, no fim de quatro anos, o Senhor veio de novo ao irmão de Jared e, permanecendo numa nuvem, falou com ele. E durante três horas, falou o Senhor com o irmão de Jared, repreendendo-o por se ter esquecido de invocar o nome do Senhor.”

Há um grande contraste entre o homem que foi reprovado pelo Senhor por esquecer de fazer suas orações, e o homem de quem o Senhor fala em Éter, capítulo 3, versículo 9: “...e nunca ninguém se che-

O Senhor disse
ao irmão de Jared:
“nunca ninguém
se chegou a Mim com
uma fé tão
grande como a tua”.

gou a mim com uma fé tão grande como a tua...” Quais os eventos na vida do irmão de Jared que causaram esta grande mudança e desenvolvimento? Os poucos versos que interligam as duas passagens mencionadas, registram alguns princípios significativos e importantes.

O grande caráter do irmão de Jared torna-se aparente, pois depois que foi reprovado pelo Senhor “...arrependeu-se do mal que havia feito e invocou o nome do Senhor por seus irmãos, que se achavam com ele” (Éter 2:15). Esta humilde

reação à reprovação divina é um sinal de grandeza.

Ele tomou uma grande decisão, que iria ajudá-lo a se tornar um líder eficaz, determinando-se a seguir o Senhor, obedecendo-lhe completamente. O Senhor então instruiu o irmão de Jared a construir barcos. Ele passou pelo teste, seguindo especificamente as instruções. (V. Êter 2:16-17).

Após terem os barcos chegado a um certo ponto no processo de construção, um problema tornou-se aparente, e ele dirigiu-se ao Senhor e perguntou o que fazer:

“...Ó Senhor, realizei o trabalho que me ordenaste e construí os barcos em conformidade com as tuas instruções.

...mas eis que não há luz neles. Ó Senhor, consentirás que cruzemos estas grandes águas na escuridão?” (Êter 2:18, 22.)

“O irmão de Jared
mostrou seu desejo de
progredir e trabalhar,
ao solicitar
mais luz ao Senhor.”

Certamente o infinito conhecimento do Senhor incluía muitas respostas àquele problema, mas o objetivo do Senhor é “...proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem” (Moisés 1:39), e, destarte, ele estava ansioso para ajudar a desenvolver a fé e a diligência de seu servo desejoso. Para fazer isso, o Senhor deli-

neou algumas das coisas que **não** iriam resolver o problema e então deixou ao irmão de Jared a responsabilidade de fazer uma recomendação.

“...que desejas que eu prepare em vosso proveito, a fim de que tenhais luz quando estiverdes submersos nas profundezas do mar?” (Êter 2:25.)

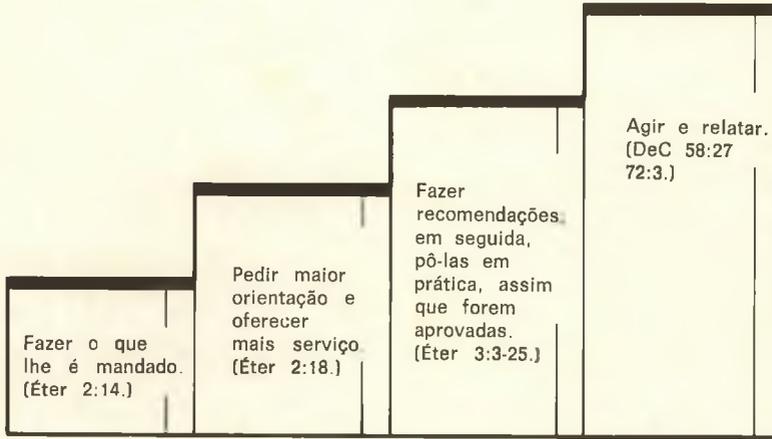
Quanto tempo levou, ou até onde foi o irmão de Jared para tomar sua decisão, não sabemos; o registro diz apenas “E aconteceu que...” (Cap. 3, v. 1). Entretanto, ele foi ao monte de Shelem, tomou das 16 pedrinhas que havia tirado da rocha. Aparentemente, esta recomendação criativa foi aceitável ao Senhor, que as tocou com seu dedo. Foi durante esta grande visão e experiência, que o Senhor disse:

“...nunca ninguém se chegou a mim com uma fé tão grande como a tua...” (Êter 3:9.)

Vamos examinar os passos seguidos pelo irmão de Jared, durante o processo para se tornar um grande seguidor. Primeiro, ele teve de desejar fazer o que lhe foi mandado, como no exemplo da construção dos barcos. Segundo, ele indicou seu desejo de progredir e trabalhar, ao solicitar mais luz ao Senhor. Terceiro, ele aceitou a responsabilidade de analisar, deliberar e fazer uma recomendação ao Senhor.

Quando alguém chega a este ponto, está pronto a seguir em frente e agir por si, fazendo relatórios periódicos. Este é o tipo de seguimento descrito na seção 58 de Doutrina e Convênios, onde nos é dito que façamos muitas coisas de nossa livre vontade e escolha, coisas que proporcionarão dignidade. Este é o nível de seguimento usado na criação do mundo, onde o trabalho foi feito em sete períodos criativos, com relatórios ao final de cada período.

Os passos para sermos eficientes e bons seguidores estão representados abaixo:



Em que pé está você como seguidor? Seus líderes estão sempre tentando fazer com que você cumpra as designações que lhe são dadas? Você já progrediu o bastante, para que, ocasionalmente, possa perguntar o que fazer além do mínimo que já foi solicitado? Ou já chegou mesmo até o ponto em que tenta ver o que é necessário, e então faz recomendações? Ou já conseguiu chegar até o ponto em que é capaz de agir por si próprio e relatar periodicamente?

Parece que esses passos, como todas as coisas do evangelho, precisam ser aprendidos linha sobre linha. Frequentemente viramos tudo de cabeça para baixo. Queremos ser capazes de agir por nós mesmos, mas não demonstramos a habilidade para fazer o que nos é mandado, não demonstramos nosso desejo de escutar e perguntar, e também não fizemos nenhuma recomendação aceitável pelo nosso líder. Para sermos capazes de agir por nós próprios, fazendo relatórios periódicos, é preciso que cheguemos a um nível de seguimento reservado somente àqueles que ganharam a confiança de seus líderes, através do desempenho. A fim de que um líder permita tal liberdade

ao seguidor, ele precisa ter confiança, antes de mais nada, em sua competência. O missionário mencionado ao início deste artigo, não desenvolvera essas qualidades. Não seguiria orientações e agia de sua livre vontade, sem primeiramente ganhar a confiança de seus líderes. Também falhava nos relatórios.

A emocionante história de Amon e os filhos de Mosiah ensina esses mesmos princípios. Após terem sido convertidos e haver rejeitado a oferta do reinado, os filhos de Mosiah receberam finalmente licença para partirem em missão junto aos "iníquos e ferozes" Lamanitas. Através de humilde oração, seu pai, Mosiah, recebera uma promessa do Senhor, de que seus filhos retornariam. O fato de que eram dignos dessa bênção está registrado em Alma, capítulo 17, versículos 2 e 3, onde se lê:

"Porque eram homens de inteligência sã, e haviam examinado diligentemente as escrituras para poder conhecer a palavra de Deus.

"E não só isso; tinham-se entregado a muitas orações e jejuns; por isso, tinham o

espírito de profecia e de revelação, e quando ensinavam, faziam-no com poder e autoridade de Deus.”

Aqui estão os filhos de Mosiah, homens de Deus, buscando, graças ao amor, levar a palavra de Deus a um povo feroz e iníquo. Após haverem-se separado, Amon chegou à terra do Rei Lamoni. As escrituras registram que o hábito dos Laminitas era o de capturar Nefitas que se haviam separado do povo, e levá-los diante do rei, e, conforme registra o versículo 20, de acordo com a vontade e prazer do rei, eles seriam mortos, retidos em cativeiro, lançados à prisão ou expulsos do país. Isto indica que os esforços anteriores de Nefitas que vieram para converter os Laminitas não haviam sido bem sucedidos. Quando Amon foi levado diante do rei, não começou imediatamente a pregar-lhes, nem lhe disse que viera para salvar seu pobre povo, iníquo e feroz. Amon simplesmente perguntou se poderia permanecer no país: “Desejo morar com esta gente por algum tempo; sim, e talvez até a minha morte.” (Alma 17:23.) Esta foi uma abordagem original! Aparentemente o rei muito se agradou e chegou mesmo a oferecer a Amon uma de suas filhas como esposa. Amon não o ofendeu, mas delicadamente declinou da oferta e disse ao rei: “Não; mas serei teu servidor.” (Alma 17:25.) Isto era interessante — um voluntário para ser um servo, quando os costumes locais exigiam os derrotados nas batalhas para preencherem as vagas. Amon, aparentemente, compreendeu que poderia liderar esta grande nação de modo mais eficiente, sendo um servo.

As escrituras registram que, após ter ele estado três dias a serviço do rei, foi até as águas de Sebus. Lá, é claro, matou alguns e cortou braços de outros que desejavam espalhar os rebanhos do rei. O rei ficou atônito ao escutar esta história, e ainda mais estupefato, quando soube

que, em vez de vir e granjear glórias pelo seu grande feito, Amon estava preparando a carruagem do rei.

“E quando o rei Lamoni soube que Amon estava preparando seus cavalos e carros, admirou-se de sua fidelidade, dizendo: Certamente não houve nenhum de meus servos que tivesse sido tão fiel como este homem; pois que ele se lembra de todas as minhas ordens para executá-las.” (Alma 18:10.)

Em virtude da grande habilidade de Amon como seguidor, com o Espírito a guiá-lo, ele ganhou a confiança do rei. O rei mandou buscá-lo e quis saber qual a fonte de seu poder, e o que fazia de Amon alguém tão incomum. Aqui neste ponto, a habilidade de Amon para influenciar através de seus préstimos, é focalizada claramente.

“Amon compreendeu
que poderia liderar esta
grande nação, de
modo mais eficiente,
sendo um servo.”

“Então Amon, com prudência (sabedoria), porém sem má intenção, disse a Lamoni: Escutarás as minhas palavras, se eu te disser por que poder faço estas coisas?...”

“E o rei lhe respondeu, dizendo: Sim, acreditarei em tuas palavras.” (Alma 18:22-23.) (Itálicos acrescentados.)

Amon podia então influenciar realmente. Havia conseguido a confiança do rei, e este o escutaria, enquanto explicava e aconselhava com relação ao evangelho.

Subseqüentemente, a família do rei Lamoni, todos de sua casa, e uma grande maioria dos Lamanitas foram convertidos por causa do trabalho missionário de Amon, seu irmão Aarão, e os outros filhos de Mosiah.

Gostariam vocês de que seus líderes lhes dessem mais liberdade para agir? Gostariam de que seus liderados os seguissem mais efetivamente? Ao compararmos esses princípios a nós mesmos, ou fazermos como disse Joseph Smith: "governarmos a nós próprios", de acordo com os "princípios corretos", aprendemos que na Igreja um seguidor é obediente, e segue em oração um líder, mesmo quando não concorda pessoalmente com ele. Assim, o líder aprenderá os efeitos de suas ações, ganhará a confiança de seus seguidores, e buscará mais ajuda e conselho.

Este compromisso de seguir tem limitações, obviamente. Vocês não necessitam obedecer a um líder que lhes diga que devem fazer algo contrário ao evangelho. Vocês têm, em si próprios, a habilidade, através do poder do Espírito Santo, de discernir o que é correto e o que não é. Vocês têm o conhecimento acrescentado de que a voz do profeta é o Senhor falando a seu povo neste dia. Numa das conferências gerais, o presidente Marion G. Romney disse:

"Escutando ao Presidente Joseph Fielding Smith, fui levado em meus pensamentos, há cerca de um quarto de século atrás, a uma experiência que tive com o Presidente Heber J. Grant. Discutíamos sobre algumas das críticas que lhe foram dirigidas por causa de uma atitude tomada no exercício de sua função. Colocando o braço em volta de meus ombros, e pondo a mão sobre meu ombro esquerdo, ele disse: 'Meu rapaz, mantenha seus olhos fitos no Presidente da Igreja, e se ele lhe disser que faça algo errado, e você o fizer, o Senhor o abençoará por isso.'

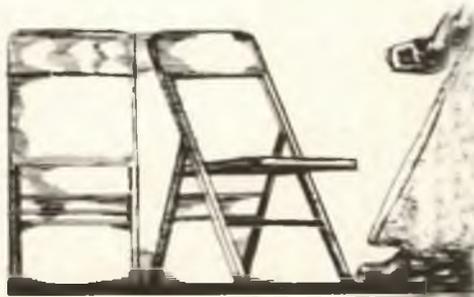
E então ele acrescentou: 'Você não precisa preocupar-se, entretanto; o Senhor jamais permitirá que seu oráculo desvie seu povo.'

Não me esqueci desse conselho, e penso que tenho sido fiel a ele desde aí." (Relatório da Conferência, abril de 1972, p. 111.)

Um bom seguidor pergunta o que fazer e deseja receber e escutar os conselhos e admoestações de seus líderes. O irmão de Jared foi admoestado por Jared e pelo Senhor, e os filhos de Mosiah foram admoestados por seu pai, e por Alma, e seguiram o conselho.

Um bom seguidor deve ser alguém desejoso de aceitar responsabilidade e fazer recomendações que serão aceitas pelo líder. Isto quer dizer que um seguidor deve tentar aprender acerca dos caminhos de seu líder. Deve tentar antecipar as necessidades do líder de maneira criativa e buscar constantemente fazer as coisas que o líder precisa realizar. Um seguidor necessita agir de sua própria vontade, e proporcionar muita retidão espontaneamente. Isto quer dizer que o seguidor deve compreender princípios verdadeiros, para que as coisas que faça tragam retidão e não proporcionem iniquidade. Muitos jovens na igreja possuem grande potencial de liderança, que permanecerá inaproveitado, porque eles não desejam primeiro aprender a seguir. Um grande líder é, primordialmente, um grande seguidor. Tornem-se grandes seguidores. Façam o que lhes é mandado. Perguntem o que fazer e escutem o conselho. Aceitem a responsabilidade; façam recomendações, levem-nas avante, e proporcionem muita retidão, por causa de sua livre vontade. Não há atalhos para a confiança ou a justiça. Devemos estar desejosos de atingi-las passo a passo, e caminhar antes de correr. Devemos seguir antes de liderar.

O Dever, O Desafio, O Quorum.



A sala estava em completa desarrumação. Havia papéis atirados ao chão, e as cadeiras estavam jogadas para todos os lados. Quando Kevin entrou, acendeu a luz, e observou que havia algo escrito com giz no quadro-negro, mas não leu.

“Fico pensando onde há algo que possa fazer que seja de alguma ajuda”, pensou. Sentou-se ao canto da sala de aula da capela, e olhou novamente para a lousa: “Seu quorum — sua Responsabilidade”. Ah! Isso tinha algo a ver com seu novo chamado, disse Kevin, de si para si. “Alguém deve ter sabido que eu viria aqui após falar com o bispo.” Ser chamado como presidente do quorum dos mestres da Ala Três não era nada fácil, especialmente depois que o bispo lhe disse, ao sair de seu escritório: “Você foi chamado pelo Senhor, Kevin. Agora vá e fortaleça seu quorum, para que não haja nenhum elo fraco na corrente.”

Kevin levantou-se e vislumbrou através da janela todo o estacionamento da Igreja. “Lá está a casa de Estêvão, do outro lado da rua... ele é inativo. Isto me faz lem-

brar de Jairo e Marcos, que só comparecem à reunião do Sacerdócio, quando seu pai está de volta do trabalho. E o Arnaldo, que mora em frente à minha casa, e pensa que atividade quer dizer apenas futebol, e não comparece, caso sugeramos outra coisa.

Apesar de tudo, é um grande quorum. Lá está o Fernando. Qualquer coisa que lhe peçam que faça, fará em dobro e perderá mais. E Jorge, o melhor exemplo de organização que jamais conheci. Minha cabeça até parece aquele estacionamento em dia de conferência da estaca. Está cheia. O que posso fazer acerca de cada problema? Como posso eu fortalecer esse quorum?

Esses sentimentos e idéias de um recém-chamado presidente de quorum de mestres perturbavam-no, enquanto pensava sobre seu novo chamado. Seus sentimentos são duplicados repetidamente, em toda a Igreja, ainda que a situação seja diferente em cada caso.

Talvez algumas das seguintes sugestões fornecidas pelo comitê Geral do Sacerdó-



O que você pode fazer, como membro de um Quorum, para fortalecê-lo?

1. *Participar da integração*

Como membro de um quorum do Sacerdócio, você tem a responsabilidade de se preocupar com seus companheiros de quorum, especialmente os inativos, recém-conversos, ou novos membros do quorum.

Um assistente do presidente do quorum dos sacerdotes disse isto:

“Em nosso quorum de 16 sacerdotes, não temos mais membros inativos. Uma das razões, acho, é porque fazemos com que todos colaborem em nossos projetos de serviços e atividades. Trabalhar assim em conjunto ajudou-nos a compreender melhor uns aos outros. Temos um grande quorum.”

2. *Participação ativa nas atividades do quorum.*

Sua presidência de quorum é responsável pelo planejamento e realização de um programa de atividades de quorum. Vocês podem apoiar seus líderes de quorum e fortalecer seu quorum através de:

- a. Frequentar as atividades planejadas, mesmo que uma delas não lhes interesse muito.
- b. Dar sugestões à presidência do quorum a respeito de futuras atividades.
- c. Aceitar e cumprir designações de atividade do quorum, emanadas da presidência.

3. *Cumprir ordenanças e deveres de maneira digna e reverente.*

“É extremamente importante que vocês se mantenham limpos e puros e não participem de qualquer prática impura ou vul-

cio Aarônico, usando citações das Autoridades Gerais, possa orientar e incentivar as presidências de quoruns e os membros, enquanto ponderam suas responsabilidades dentro dessa unidade fundamental da Igreja — o quorum.

Fortalecer seu Quorum do Sacerdócio.

A revitalização dos quoruns do Sacerdócio Aarônico e o despertar dos quoruns do Sacerdócio de Melquisedeque irão afetar positivamente todos os outros programas da Igreja. (Presidente Spencer W. Kimball, conferência de junho, 1974.)

“Vocês são membros de um quorum específico, e por seus atos individuais, irão apoiá-lo ou degradá-lo.

O quorum será tão forte como cada um de seus membros. Todos temos a obrigação e a responsabilidade de honrar nosso sacerdócio, ser cidadãos dignos do quorum do sacerdócio” (Élder Boyd K. Packer, Seminário para os Representantes Regionais dos Doze, 4 de outubro de 1973.)

gar. Quando vocês comparecem à Escola Dominical e às Reuniões Sacramentais, e têm permissão de distribuir o sacramento em memória do grande sacrifício feito pelo Salvador por nós, assegurem-se de que são dignos, de que suas mãos são limpas e seus corações puros, e que nada fizeram durante a semana que os tornaria indignos.

Ao comparecer a uma reunião sacramental outro dia, fiquei tão feliz em ver que os que administravam e distribuíam o sacramento usavam camisas brancas e gravatas, estavam bem arrumados e limpos; e que durante todo o serviço, ficaram reverentes". (N. Eldon Tanner, *Ensign*, maio de 1975, p. 76.)

O que vocês, como presidência de um Quorum, podem fazer para fortalecê-lo?

1. Planejar um programa equilibrado para o quorum.

O propósito geral das atividades do quorum é fortalecer cada jovem em caráter e testemunho. O Presidente Spencer W. Kimball deu o seguinte desafio numa sessão do sacerdócio de Conferência Geral:

"Estamos preocupados, irmãos, com nossa necessidade contínua de proporcionar oportunidades significativas para nossos jovens, a fim de que entreguem suas almas ao serviço. Os rapazes não se tornam, em geral, inativos na igreja, porque recebem muitas coisas significativas para fazer. Nenhum jovem que tenha realmente testemunhado por si mesmo que o evangelho opera, afastar-se-á de seus deveres no reino, deixando de cumprí-los. Enquanto nossos rapazes aprendem como dirigir um quorum, estarão não apenas abençoando a juventude do Sacerdócio Aarônico desses quoruns, mas também estarão preparando-se, a si mesmos, para serem fu-

turos pais e futuros líderes para os quoruns do Sacerdócio de Melquisedeque. Eles precisam de alguma experiência em liderança, alguma experiência em projetos de serviço, alguma experiência em oratória, alguma experiência de como dirigir reuniões, e alguma experiência em como edificar relacionamentos adequados com as moças.

Estamos vendo crescer uma geração real... que tem coisas especiais a fazer. Precisamos proporcionar-lhes experiências especiais no estudo das escrituras, no serviço a seu próximo, e sendo membros de suas famílias, úteis e amorosos. Tudo isso requer, é claro, tempo para o planejamento, e tempo para se pôr em prática." (*Ensign*, maio de 1976, p. 45.)

Ao desenvolver seu programa para o quorum, lembre-se dessas diretrizes tão simples:

a. Deixe que o consultor do quorum o ajude.

b. Realize reuniões da presidência do quorum. Esta reunião deve ser semanal.

c. Desenvolva um calendário trimestral de atividades, em sua reunião da presidência do quorum.

d. Planeje atividades que:

1. Concedam aos membros do quorum condições de cumprir suas responsabilidades do sacerdócio.

2. Estejam programadas especificamente, de acordo com os interesses dos membros do quorum.

3. Proporcionem uma variedade de experiências para os membros do quorum.

e. Deixe que todo o quorum, seu consultor, e o membro do bispado examinem seu calendário e façam sugestões.

f. Verifique seus planos, comparando-os com outros calendários (da escola, da comunidade etc.)

g. Prossiga, planejando sua primeira atividade.

2. *Focalize cada membro do quorum.*

“Necessitamos manter nossa atenção centralizada no indivíduo e na maneira como ele pode ser melhor alcançado. Não é suficiente olharmos para o quorum como um todo... devemos olhar o indivíduo e reconhecer que temos a responsabilidade de ajudá-lo a magnificar seu chamado. Fico preocupado, quando me lembro do que disse o Presidente John Taylor: ‘Se deixarmos de magnificar nosso chamado, Deus nos considerará responsáveis por aqueles que poderíamos ter salvo, caso tivéssemos cumprido nosso dever’”. (Thomas S. Monson, Seminário para os Representantes Regionais, 4 de outubro de 1973.)

Um assistente do presidente do quorum dos sacerdotes conta-nos esta história: “Nosso quorum de sacerdotes possui deztoito membros. Estabelecemos que deveríamos lembrar-nos dos aniversários e dos resultados acadêmicos, e outros eventos semelhantes, relativos a todos os membros de nosso quorum — especialmente aqueles poucos que são inativos. Chegamos mesmo a visitar suas casas nessas ocasiões especiais. Surtiu grande diferença em sua atitude. Eles sabem que nos preocupamos com eles.”

Então, um presidente de quorum de diáconos disse isso: “Meus conselheiros e eu fizemos contato com um dos meninos de nosso quorum 19 vezes, antes que ele resolvesse manifestar-se. Descobrimos que é um bocado mais fácil reativar alguém, quando esse alguém sabe que você gosta dele”.

Vocês podem manter-se centralizados nos indivíduos, fazendo coisas como estas:

a. Visitar pessoalmente os lares dos membros do quorum.

b. Designar membros do quorum para integrarem determinados indivíduos.

c. Planejar atividades do quorum, em torno das necessidades e interesses dos indivíduos.

d. Assegurar-se de que os rapazes inativos sejam convidados para as reuniões e atividades do quorum.

3. *Trabalhar bem de perto com o consultor do quorum.*

“O Senhor proporcionou o que creio ser o melhor programa que o mundo jamais conheceu — um programa de bispos e conselheiros, consultores, mestres, chefes escoteiros, líderes, mestres familiares, treinadores — homens fortes, que realmente se preocupam.”

(Marion D. Hanks, Ensign, maio de 1974, p. 77.)

O consultor do quorum é o homem-chave no funcionamento adequado de seu quorum. Ele pode ajudá-lo.

a. Reunindo-se com você em sua reunião semanal da presidência do quorum.

b. Planejando com você as agendas para as reuniões que você dirige (tais como reunião da presidência do quorum etc.).

c. Planejando com você seu calendário de atividades do quorum.

d. Fazendo planos com você, para integrar os membros do quorum.

e. Sendo seu companheiro e amigo.



Hortense H. Child
Primeira Conselheira
na Presidência
Geral das Moças

Como me Preparo Para a Entrevista Pessoal Com Meu Bispo?

«Meu bispo é o maior!» Esta foi a expressão ouvida, assim que Nancy atravessou o saguão, após sua entrevista com o bispo. Obviamente, a entrevista fora recompensadora — o tipo de entrevista que toda moça deveria ter.

Uma entrevista pessoal com seu bispo é uma sagrada oportunidade. Somente a juventude tem um programa regular de entrevistas; os membros adultos precisam solicitar especialmente uma. Geralmente, a entrevista é uma oportunidade para se conhecer melhor o bispo e relatar o progresso espiritual a ele, assim como outros assuntos que você deseje discutir. Que ocasião especial para sentir e ser orientada pelo poder e autoridade do sacerdócio!

Muitas jovens disseram que freqüentemente se sentem nervosas e talvez um pouco assustadas com o fato de terem de ser entrevistadas pelo bispo. Lembrem-se de que ele é seu amigo, e deseja conhecê-las e ser um apoio para vocês. Como podem preparar-se para essa entrevista pessoal?

É necessária uma preparação material, assim como espiritual. Um estado receptivo da mente ao espírito de seu Pai Celeste é essencial. Se vocês tiverem isso, estarão ansiosas por receber instruções e orientação do bispo, que é um servo especial do Senhor. Uma conversa e oração com seus pais, antes da entrevista, poderá ajudá-las a eliminar as apreensões que possam ter. Talvez uma conversa com a consultora de sua classe das moças possa dar-lhes confiança.

Na seção 63, versículo 64 de Doutrina e Convênios, lê-se: "...recebereis o Espírito por meio de oração..." Vocês desejam orar, para que o Espírito do Senhor as oriente e guie. Talvez ocorram ocasiões em que será conveniente orar e jejuar antes da entrevista.

Sua aparência pessoal fará diferença no espírito de sua entrevista. Um aspecto limpo e reluzente estará de acordo com a escritura. "Sede limpos..." (DeC 38:42.) Vocês poderão perguntar-se a si mesmas como quererão estar vestidas para a entrevista com alguém que é o representante escolhido do Senhor. Assegurem-se de que estejam o melhor possível. Um vestido modesto é, provavelmente, o mais indicado a usar. Cheguem sempre cedo. Se vocês soubessem que o bispo ficou esperando o tempo todo, seria difícil estar à vontade e falar-lhe com facilidade.

Compareça à entrevista, preparada para falar sobre si mesma. Talvez você deva estar pronta para responder a perguntas como essas:

1. Quais são as suas metas pessoais?
2. Quais os progressos que tem feito para atingir essas metas?
3. Quais são os seus passatempos?
4. Você ora diariamente?
5. Você obedece à palavra de Sabedoria?
6. Sua linguagem é limpa?
7. Você tem problemas com moralidade?

8. Quais as contribuições que está fazendo para seu lar e sua família?

9. Como se dá com seus professores na Escola Dominical, Seminário, e sua consultora das Moças?

10. Você gosta dos assuntos que estuda nas aulas da Igreja? Por quê?

11. Como vai sua frequência à Escola Dominical, Seminário, atividades da juventude e reunião sacramental?

12. Como vai na escola?

13. Quais as matérias em que vai melhor, e as em que tem tido notas baixas?

14. Quais são seus amigos (amigas) mais chegados? Acaso eles mantêm os mesmos padrões que você?

Lembre-se de que é preciso ser honesta em todas as suas respostas. Sua entrevista é confidencial, e você não precisa temer que o bispo vá trair sua confiança. Ele poderá dar-lhe uma oportunidade de fazer recomendações e sugestões concernentes ao programa ou atividades da ala. Você poderá pensar sobre isso de antemão.

Novamente, lembre-se de que o bispo é seu amigo e deseja ajudá-la. Se você tiver problemas, converse a respeito deles com o bispo, e deixe que ele a ajude a resolvê-los.

Se você fizer a preparação necessária, sua entrevista pessoal será uma experiência positiva e edificante. Prepare-se bem e confie na segurança do plano do Senhor, que é um guia e uma proteção para você.



“Excessivamente Jovem”

“Mas eu sou apenas Sue Brown, tenho só 15 anos; o que eu poderia fazer pelo Senhor?” Este pensamento freqüentemente medra nas mentes de milhares de rapazes e moças, ao experimentarem a sensação de serem chamados pela autoridade do sacerdócio para líderes da juventude nesta dispensação.

O bispo ou um conselheiro do bispo faz tal chamado: “Inquirimos do Senhor com respeito a esse chamado. Falamos com seus pais, e agora, agindo através da autoridade do sacerdócio em mim investida como bispo (ou membro do bispado), eu o chamo para esta posição. Você será designada para propósitos sagrados — para dirigir (presidir) este grupo de moças de sua própria idade; para estabelecer um exemplo e liderar essas moças; e para usar o poder e autoridade de seu chamado, juntamente com a inspiração que receber, em favor dessas jovens.”

É natural ficar-se apreensiva ao receber tal chamado. Entretanto, o chamado de líderes de jovens tem sido, historicamente, a vontade do Senhor. Ele não tem hesi-

tado em chamar jovens líderes para seus propósitos eternos, para assisti-los em sua preparação, e para enviá-los em novos chamados.

Samuel, apenas um jovem, foi escolhido para ser um profeta. Sua reação, ao ser chamado, é exemplo para toda juventude: “Fala, Senhor, porque o teu servo ouve.” (1 Samuel 3:9.) Davi era apenas um rapaz que cuidava das ovelhas de seu pai, quando Samuel, levado pela inspiração do Senhor, o ungiu rei de Israel. Joseph Smith era um menino de 14 anos, quando o Senhor lhe apareceu e falou com ele.

As escrituras também evidenciam casos de mulheres que desempenharam papéis vitais, significativos no destino de seu povo. Ester, jovem mulher judia, tão virtuosa quanto bela, exemplifica o espírito de devoção divina, de coragem e de patriotismo. Após jejuar durante três dias, ela arriscou a vida para salvar seus compatriotas. Ela foi um instrumento nas mãos do Senhor, para livrar seu povo da execução.

Quando Joseph F. Smith tinha 15 anos de idade, partiu em missão para as ilhas



Ruth H. Funk
Presidente Geral
das Moças

havaianas. O Élder Marion D. Hanks, diretor administrativo dos programas da juventude da Igreja, era professor da Escola Dominical com 15 anos, e quando lhe faltava uma semana para completar 32 anos, foi chamado para o Primeiro Conselho dos Setenta.

Louisa Lula Greene Richards tinha 23 anos de idade, quando foi chamada para ser a editora do "Women's Exponent", jornal da Igreja fundado em 1872. Servia como instrumento das mulheres SUD, para defenderem-se honestamente contra os comentários inamistosos e ataques, além de defenderem os princípios e doutrinas de sua fé. Esta tímida, quase esquecida jovem, não tinha confiança em sua capacidade, mas tinha fé implícita em seu Pai Celestial, e seu poder em bondade. Então, orou e ainda com relutância, concordou em aceitar o chamado do Profeta e tornou-se uma das primeiras mulheres jornalistas de Utah.

Milhares de jovens Santos dos Últimos Dias estão aprendendo, assim como Ester

e Lula Greene Richards aprenderam, que ainda é preciso sacrifício para se salvarem vidas no Rei de Deus. Tanya, uma presidente de classe de laureís na Tasmânia, compreendeu sua responsabilidade como líder de moças hoje em dia. Depois de uma visita de um membro da presidência geral das Moças, ela escreveu:

"Após a primeira noite, fiquei realmente inspirada e cheia do Espírito. Não podia lembrar-me de quando me sentira assim antes. Naquela noite, fui para casa e orei a meu Pai nos céus, e pedi força e ajuda, para que minhas Lauréis inativas quisessem voltar. Naquela noite, senti uma paz real vindo sobre mim. Então, quando a ouvi novamente, o mesmo sentimento veio sobre mim e compreendi quão forte e maravilhoso é o Espírito Santo. Imediatamente escrevi às garotas. Amo minhas garotas da organização das moças, porque elas compartilham os mesmos interesses e metas que eu espero alcançar. Compreendo que um dia terei de responder ao Senhor, e, portanto, vou-me esforçar e trabalhar com meus líderes. Não vou viver

de testemunho emprestado; obterei meu próprio testemunho através de trabalho duro.”

Uma presidente das abelhinhas, no México, de 13 anos, obteve um grande senso de responsabilidade concernente a seu chamado: “Acho que minha maior tarefa,” disse ela, “é fazer com que cada garota da ala se sinta tão bem como eu a respeito da Igreja.”

Quando os líderes de jovens atingem a juventude, os resultados são inspiradores e observados com gratidão por muitos. De um bispo em Salem, Oregon, Estados Unidos, chegou-nos uma carta, expressando esses pensamentos:

“Sei que existe um amor especial entre a juventude de nossa ala, e posso atribuir isso somente ao espetacular programa da juventude. Eles regozijam-se mutuamente, carregam os fardos uns dos outros, e quando alguém chora, todos choram. Gostaria de poder relatar as muitas experiências com reativação, conversão e serviço, que aconteceram em nossa pequena ala, como resultado deste programa.”

Em Gridley, Califórnia, uma classe de Abelhinhas conscienciosas ajudou a trazer seis jovens às águas do batismo, e mais quatro estão recebendo os ensinamentos do evangelho. Também reativaram cinco companheiras da classe. Quando se perguntou como a atividade aumentou desta maneira, a consultora das Abelhinhas da estaca respondeu: “Grandes consultores na Ala, que trinam muito bem suas presidências de classe.” Os líderes dos jovens hoje estão envolvidos num emocionante e sagrado trabalho de salvar almas.

“E, se acontecer que, se trabalhades todos os vossos dias, proclamando arrependimento a este povo, e trouxerdes a mim, mesmo que seja uma só alma, quão gran-

de será a vossa alegria com ela no reino de meu Pai!

“E agora, se a vossa alegria for grande com uma só alma que trouxestes a mim no reino de meu Pai, quão grande será a vossa alegria, se me trouxerdes muitas almas!” (DeC 18:15-16.)

Quando um jovem é chamado a servir, as responsabilidades que acompanham o chamado são delineadas. Com sua mordomia, sobrevém a responsabilidade de prestação de contas. Ou seja, recebemos orientação, cumprimos nossa responsabilidade, ou “fazemo-lo”, como diz o Presidente Kimball, e então voltaremos e relataremos o que fizemos, e receberemos mais conselho e orientação. Esta prestação de contas é programada em intervalos regulares com um membro do bispado, mas deve também ser uma prestação diária de contas ao Senhor, que abençoará e magnificará aqueles a quem escolher para serem seus líderes.

Néfi, que era “excessivamente jovem”, dá-nos coragem e força por seu exemplo, ao aceitar uma tarefa aparentemente impossível. Sua resposta foi: “Eu irei e cumprirei as ordens do Senhor, pois sei que o Senhor nunca dá ordens aos filhos dos homens sem antes preparar um caminho pelo qual suas ordens poderão ser cumpridas.” (1 Néfi 3:7.)

E assim hoje, a juventude está sendo chamada, designada, está recebendo materiais e treinamento, líderes dedicados que a ajudam a magnificar seus santos chamados. E quando os registros históricos dos líderes da juventude desta dispensação forem examinados por aqueles que vierem, poderão muito bem encontrar o seguinte: “Eles foram chamados por Deus; eram excessivamente jovens; foram orientados pelo Espírito; carregaram os fardos uns dos outros; eles eram servos do Senhor.”



Frau Hofmann

Elizabeth Lane
Ilustrado por Travis Winn

A caminho de casa, na volta da escola, Ernst apressou o passo, para livrar-se logo da visão da padaria, onde o delicioso cheiro de maçã com canela, e do pão quente e fresquinho pairavam tentadores no ar. Mais alguns passos e ele estaria na entrada do edifício de apartamentos de cinco andares, onde morava com seus pais

e a irmãzinha Helga. De seu bolso, retirou uma chave e abriu a porta da frente. Ao subir as escadas, estava absorto, pensando no que sua mãe estaria fazendo para o jantar.

Há seis meses, quando sua família se mudou do campo para a cidade, na Alemanha, a mãe de Ernst dissera-lhe muito seriamente: "Ernst,

tivemos muita sorte em conseguir encontrar este agradável apartamento, tão próximo do serviço de seu pai. Você já é bem crescidinho e preciso de sua ajuda agora. **Frau** (senhora) Hofmann mora no apartamento abaixo do nosso já há longo tempo. Ela é idosa e não queremos perturbá-la. Você deve andar bem devagar e sem fazer barulho no apartamento. Não deverá correr, nem saltar. Helga é muito pequena para entender isso, e, portanto, você deverá ajudá-la a ficar quieta, também."

Ernst meneou a cabeça e disse: "Entendo. Terei cuidado e não farei nenhum ruído".

E Ernst tinha cuidado. Aprendeu a "pisar sobre ovos" dentro do apartamento e a falar bem baixo. Quando Helga começava a chorar, ele sentava-se junto a ela, lia-lhe uma história ou dava-lhe um brinquedo. As vezes, ele se encontrava com **Frau** Hofmann nas escadas. Ela era uma mulher pe-



quena, e sua cabeça e ombros encurvados davam-lhe aparência de ser menor ainda. Sempre que a encontrava, meneava a cabeça e dizia: "Guten Tag (Bom dia), Frau", e ela respondia "Guten Tag" numa voz triste e macia.

Certo dia, Ernst e Helga estavam sozinhos no apartamento, enquanto sua mãe saíra para as compras. Helga dançava com sua boneca, quando tropeçou sobre um caminhão de brinquedo e bateu a cabeça na quina de uma cadeira de madeira. Começou a chorar. Ernst ofereceu-lhe um carneirinho de brinquedo, um livro, uma bola, e nada a consolava. Na testa de Helga formava-se um enorme "galo" vermelho e ela continuava a chorar.

Após algum tempo, alguém bateu à porta, e Ernst correu para abri-la. **Frau** Hofmann lá estava com expressão preocupada em seu rosto. "Vi que sua mãe saiu", disse ela, "e quando escutei sua irmãzinha chorar, achei melhor ver se posso ajudar". Helga começou a chorar ainda mais forte. "Oh, pobre carneirinho!", exclamou **Frau** Hofmann. A seguir, apressou-se e tomou Helga em seus braços.

Alguns minutos depois, a mãe voltou e encontrou **Frau** Hofmann no sofá, com Ernst e Helga aninhados um de cada lado. Helga tinha um pano úmido e morno em sua cabeça, e as crianças escutavam uma história.

Daquela data em diante, Ernst e Helga andaram sem fazer barulho e conversavam em voz baixa dentro do apartamento. Mas, agora não estavam sendo apenas obedientes, e sim, preocupavam-se com o fato de que sua amiga **Frau** Hofmann pudesse estar descansando. Às vezes, ela os convidava a irem a seu apartamento para escutar histórias, comer bolos que fazia, ou apenas para visitá-la.

"Mamãe", perguntou Ernst certo dia, "por que será que **Frau** Hofmann

tem um rosto tão triste? Gostaria de fazer algo que a tornasse feliz”.

“**Frau Hofmann** tem tido uma vida triste, Ernst. **Herr** (senhor) Ketzler, contou-me outro dia, no saguão, que seu marido e seu filho foram mortos na guerra, há muitos anos atrás, e que ela tem vivido só desde aí. Estou certa de que sua vida é bastante solitária.”

Ernst pensou um momento.

“Sabe de uma coisa”, disse ele, “quando nos mudamos para cá, eu estava triste, porque íamos deixar **Oma** (avó). Acha que **Frau Hofmann** seria nossa **Oma** aqui na cidade?”

“É uma idéia maravilhosa, Ernst”, disse a mãe, sorrindo.

E assim, **Frau Hofmann** tornou-se a **Oma** para Ernst e Helga, e ela sorria, ria, e cantava cançõezinhas para as crianças, embora às vezes, Ernst pudesse ver que a tristeza voltava a seus olhos outra vez, e, então, ele também ficava triste.

Pouco antes do aniversário da **Oma Hofmann**, Ernst ficou pensando sobre o que poderia comprar para fazê-la saber do quanto gostavam dela. A cada dia, quando voltava da escola, passava pelas muitas lojinhas, tentando encontrar-lhe um presente. Mas estava difícil.

Na noite antes do aniversário de **Oma Hofmann**, enquanto Ernst ajudava a mãe a lavar os pratos, ouviram alguém bater à porta. Correram para abri-la, e lá estavam o **Élder Kendall** e o **Élder Mortenson**, missionários que haviam visitado a família de Ernst na semana anterior. Esses homens haviam dito tantas coisas maravilhosas sobre nosso Pai Celestial e seus planos para todos os seus filhos, que o pai de Ernst havia convidado a ambos para que voltassem e ministrassem outra aula.

A família sentou-se na sala de visitas com os élderes. Um dos missionários fez a oração inicial, e então o outro começou a palestra. Ernst escutou cuidadosamente. O **Élder Mortenson** então mostrou algumas gravuras dos templos dos Santos dos Últimos Dias e explicou: “Aqui as famílias tomam parte em cerimônias que lhes permitirão estar juntas, não apenas nesta vida, mas para toda a eternidade”.

Quão feliz ficaria Oma Hofmann, pensou Ernst, sabendo que poderia encontrar seu marido e filho no céu. “E se alguém da família já morreu?”, perguntou Ernst aos élderes. “Há uma forma pela qual as pessoas que já morreram poderão estar outra vez com suas famílias?”

O **Élder Kendall** sorriu. “Essa é uma boa pergunta, Ernst, e a resposta é sim. O trabalho no templo pode ser feito por essas pessoas também, através de membros dignos da Igreja”.

A palestra prosseguiu, e o pai e a mãe fizeram muitas perguntas, e sorriram ao entenderem. Pensando somente na maravilhosa idéia que lhe viera à mente, Ernst estava tão entusiasmado, que não conseguia nem ficar sentado quieto.

Quando a palestra terminou, o pai disse: “Por favor, voltem. Sinto que o que vocês nos contam é a verdade e queremos escutar mais.”

Enquanto os élderes saíam, Ernst colocou-se em seu meio, seguro as mãos deles nas suas, e fez com que abaixassem para que pudesse sussurrar em seus ouvidos: “Por favor”, cochichou entusiasmado, “poderiam vir amanhã após a aula, e contarem à nossa boa amiga **Oma Hofmann** a respeito do evangelho? Amanhã é aniversário dela, e quero que vocês me ajudem a dar-lhe um presente que durará para sempre”.

O Senhor Xugo caminhava pelos bosques, após uma noite de caça. A cada meia dúzia de passadas, sentava-se sobre o traseiro e examinava as redondezas com um par de olhos alerta, inquiridores, que piscavam por detrás de sua máscara. Este animal é às vezes chamado de o mascarado, mas como age e tem a aparência de um urso pequeno, o nome que os Índios americanos dão ao texugo é Irmãozinho do Urso.

O nariz negro do texugo agita-se delicadamente, cada vez que ele sente a analisa uma fragrância trazida pelo vento. O pequeno predador parou novamente, pegando um ramo com sua mão arisca em forma de garra. Virou-a para todos os lados, procurando obter mais alguma informação de seu mundo, através do tato e do olfato. En-

tão, jogando o graveto fora, como se fora um jornal velho e já lido, continuou sua caminhada.

A aurora aguardava apenas mais alguns instantes para surgir, quando o mascarado chegou a sua casa na árvore. Olhou ao redor mais um momento, e então o Sr. Xugo começou a escalar a árvore. A caminho de seu tranqüilo refúgio, o animal parou diante de um buraco no tronco de onde vieram vários guinchos saudá-lo pela volta ao lar. Após assegurar-se de que tudo ia bem com sua família, continuou a subir.

Finalmente, chegou ao ponto onde os pequenos ramos se abriam para todos os lados, criando um conjunto de pontos irradiantes em torno do centro do topo da árvore. Este ponto cuidadosamente escolhido era sua ca-

O **Mascarado**

Murray T. Pringle





ma diurna, onde ele dormia à luz do dia, mas estaria em posição de correr e resgatar sua família, caso dele precisassem.

Embora pudesse ver tudo o que acontecia à sua volta e abaixo dele, o Sr. Xugo estava bem escondido. Seu corpo rotundo cercava muito bem o topo da árvore, e ele estava protegido de olhares cobiçosos pela densa folhagem entre ele e o chão. Mesmo de muito perto, graças à sua listrada pelugem, só mesmo os olhos mais penetrantes poderiam descobri-lo.

As horas do dia passavam-se, o entardecer voltou novamente, e sua chegada significava o recolhimento dos animais que caçam durante o dia, e o surgimento dos animais noturnos. Ansiosos pelas aventuras da noite, os jovens texugos já estavam despertos, brincando e empurrando uns aos outros no galho da grande árvore que lhes servia de varanda, do lado de fora de seu ninho, oculto pelo orifício do tronco.

Após algum tempo, o Irmãozinho do Urso desceu de sua plataforma de observação. Imediatamente mamãe e seus dois filhotes o seguiram até o

chão. O quarteto movia-se pelo bosque. Papai Xugo à frente, e mamãe atrás. Cheiraram as coisas pelo caminho, e com suas incansáveis garras, sentiram, pelo tato, tudo o que estava dentro de seu alcance.

Numa poça d'água, os texugos pararam e enterraram suas garras no barro e água. Uma rã descuidada chegou-se muito perto e foi prontamente agarrada por mamãe Xugo. Os filhotes estavam ocupados ajuntando um galhinho de amoras silvestres que estavam baixo, para lavá-las na água. Após a mamãe haver inspecionado e declarado boas para o consumo, os filhotes imediatamente devoraram as frutas.

Com gemidos baixos e insistentes, o mascarado reuniu sua família, e o grupo partiu novamente, contornando a margem da poça, até que chegaram a um milharal. O milho estava pronto para a colheita e bem tenro, e os bandidinhos com caudas de anel arrancaram espigas dos pés e as transportaram. Eles trabalhavam metodicamente, arrancando cada espiga de sua palha, e então levando-a até a poça, para ser lavada várias vezes.



Somente após o milho estar coberto de lama, eles o consideravam em condições de ser ingerido. Ai então era devorado com acompanhamento de gemidos e ruídos de satisfação. A festa continuou até que uma ponta do campo estava uma verdadeira desolação. Finalmente, papai Xugo de terminou que era hora de partir.

Cauteloso e sábio, como são sábios os animais da floresta, o mascarado sabia muito bem o caminho de volta para casa. Mas sabia algo melhor que isso, pois levou sua família ao primeiro carvalho além da poça, cujos ramos estendidos formavam uma ponte suspensa que levava até a floresta. Seu grupo seguiu-o cegamente, pisando nos mesmos lugares onde pisou, se possível, seus olhos alerta para qualquer movimento que pudesse denotar a presença de um besouro ou borboleta desavisada. Apesar de terem comido bastante, sempre havia espaço para se beliscar alguma coisa.

De repente, papai Xugo parou, seu nariz afilado dizia-lhe que havia algo novo à frente. Seus ouvidos escutaram o zumbir de abelhas, e suas narinas contraíram-se excitadamente à aproximação da tentadora presença do mel.



Seus filhotes forçaram-no a uma decisão. Os jovens texugos também notaram a presença do mel, e por seus gemidos ansiosos, ele sabia que suas ordens de continuar não seriam suficientes para aplacar o doce prazer tentador que se avizinava.

Mal haviam chegado mais perto da colméia, quando um vagido agudo se fez ouvir de um ramo distante. Um esquilo vermelho havia acordado em sua casa de campo, e, de acordo com seu papel de inimigo mortal de todos os texugos, soava o alarma, dizendo que os atacantes de cauda enrolada estavam ainda espalhados.

O esquilo continuou seu ruído irado e ignorou seu inimigo por um momento. Papai Xugo enfiou cuidadosamente uma garra num buraco da árvore e arrancou um pedaço de favo cheio de mel. Jogou-o rapidamente ao chão, onde mamãe e os filhotes abriram e devoraram o saboroso tesouro.

As abelhas irritadas circundaram o Irmãozinho do Urso, buscando seus olhos, orelhas e nariz, enquanto o esquilo vermelho as ataçava com seus berros. Entretanto, o Sr. Xugo conseguia arrancar mais dois pedaços de favo, antes de ser forçado a fugir.

O esquilo vermelho seguia, falando, gritando e dançando de um lado para outro. De repente, acima do vagido agudo do esquilo, veio um ruído de ladrar selvagem. O ruído trouxe medo repentino ao coração do mascarado. Ele conhecia os donos daquelas vozes. No ano passado, aqueles dois cachorros quase o haviam apanhado. Mas ele estava só e foi-lhe fácil escapar. Mas agora... sua família estava com ele!

Um momento depois, dois cães emergiram do mato e estavam quase sobre sua companheira e os dois fi-

lhotes que estavam atentos ao mel. Mostraram-se tão distraídos, que não suspeitaram de qualquer perigo.

Pensando apenas em salvar sua família, papai Xugo ofereceu-se como isca para os cães.

Gemendo alto, ele desceu ruidosamente o tronco, até que estava a uns poucos metros do solo. Os cães iraram-se com esse texugo ousado, e agarraram-se, e unham a árvore na tentativa de apanhá-lo. Mamãe Xugo e os filhotes desapareceram no mato, sem ser notados.

De algum modo, o mascarado conseguia ficar exatamente um pouco além do alcance dos cães, mexendo-se para cima e para baixo no tronco. Mas eles estavam tão certos de que o agarrariam na tentativa, que continuavam a latir e a saltar. E isso era exatamente o que o texugo queria.

Seu barulho intenso, e seu comportamento selvagem atraíram a atenção das abelhas, que ainda procuravam o intruso que havia saqueado a colmeia. Decidindo que os cães eram os culpados, as abelhas os atacaram.



Os latidos entusiasmados transformaram-se em gemidos de dor e medo, enquanto os cães fugiam para casa, perseguidos pelas iradas abelhas. Em seguida, o mascarado desceu até o chão, e entrou no mato, gemendo e gritando para atrair a atenção de sua família.

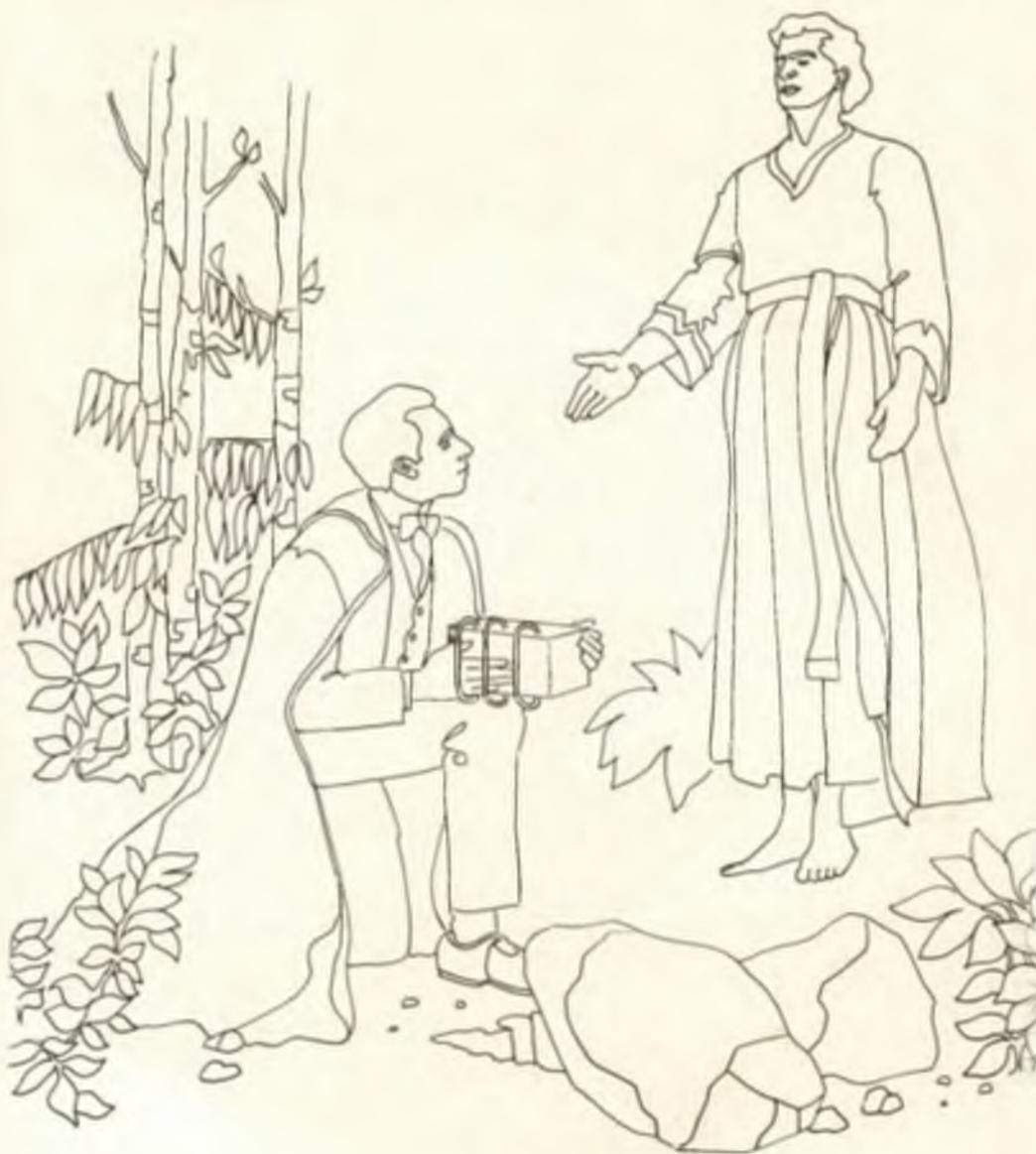
Reunida a família uma vez mais, papai Xugo seguiu à frente entre os topos das árvores para um novo lar.

Pensando apenas
em salvar sua família,
papai Xugo
ofereceu-se como isca
para os cães.



Joseph Smith
recebe as
placas de ouro
do Anjo Moroni

Página para COLORIR



O Importante é a Posição

Elder Boyd K. Packer,
do Conselho dos Doze.



Desejo contar-lhes um pequeno incidente que aconteceu com um grande membro da Igreja na Alemanha, Karl G. Maeser, grande educador, um doutor em educação, e um homem de grande dignidade e sabedoria. Ele foi o fundador da Universidade de Brigham Young.

O irmão Maeser (era um)... homem de grande dignidade e prestígio. Demonstrava grande humildade, e sua atitude parece-me caracterizar o que deveríamos ser como portadores do sacerdócio.

Certa ocasião, ele subia os Alpes com um grupo de jovens missionários. Atravessavam a grande montanha a pé. Havia longas varas enfiadas na neve da geleira, que indicavam o caminho, a fim de que os viajantes pudessem encontrá-lo pela geleira, e conseguissem descer a montanha do outro lado.

Ao chegarem ao cume, o irmão Maeser desejou ensinar aos jovens élderes uma lição. Ele parou no pináculo da montanha e indicou as varas que haviam seguido. E disse: "Irmãos, contemplai o Sacerdócio de Deus. Essas são apenas varas comuns, mas é a posição em que se encontram que é importante. Sigam-nas, e vocês estarão seguros. Afastem-se delas e ficarão certamente perdidos". E assim é na Igreja. Somos chamados para posições de liderança, e recebemos o poder do sacerdócio. E somos apenas varas comuns, mas a posição que recebemos é o importante. Ela está separada e longe de vocês, mas enquanto a conservarmos, nós a possuímos.

Em nossas alas e ramos, e em nossas estacas, o Senhor chama para posições de liderança os irmãos que lá existem. Nenhum deles é perfeito. Mas eles possuem o ofício, e devemos ser-lhes obedientes.

Esta Igreja é dirigida por revelação. Vem àqueles que têm a responsabilidade de presidir. Não estou certo de que vocês possam fazer-me votar contra uma proposição apresentada por minha autoridade presidente. Eu seria muito cuidadoso. Ele pode ser uma velha vara comum, mas o importante é a posição.

Que Deus nos permita a nós, que portamos o sacerdócio, ser obedientes e apoiar aqueles que são chamados para presidir-nos. Presto testemunho de que Deus vive. Jesus é o Cristo. O Presidente Spencer W. Kimball é seu representante autorizado sobre esta terra. Em nome de Jesus Cristo, Amém.

Pouco tempo depois da Segunda Guerra Mundial, eu visitava a cidade de Washington, e comprei, por acaso, um jornal de Nova York. Na primeira página, num pequeno quadrilátero, estava registrada uma entrevista com um historiador que havia visitado os Estados Unidos durante um ano, e já se preparava para voltar à terra natal. Esqueci-me do nome do historiador, mas recorde-me ainda das perguntas que lhe foram feitas. O repórter dissera: "Você esteve aqui nos Estados Unidos durante um ano, estudando nossa história e nosso povo. Diga-me, qual dos americanos ilustres você considera o maior?"

O historiador lhe respondeu: "Vocês tiveram apenas um grande americano — Joseph Smith, o Profeta Mórmon."

Justificando sua afirmação, ele continuou: "Há apenas um americano que pregou um sistema de vida e produziu idéias, as quais, se postas em prática, mudariam a sociedade do mundo inteiro."

Se nos aprofundarmos na vida e nos ensinamentos do Profeta Joseph Smith, veremos revelada uma riqueza de idéias tão revolucionárias, que, poderiam, caso adotadas, mudar o rumo da história humana.

Não reconhecemos quão diferente Joseph Smith era de seu tempo em seus pontos de vista:

Ele deu-nos uma nova perspectiva de Deus, uma restauração, como dizemos, mas também uma perspectiva muito diferente do que prevalecia na época. Ele afirmou que nosso Pai é um Deus pessoal, com corpo — um indivíduo que podia falar, e queria falar com o homem — alguém que ouviria e responderia às orações.

Ele trouxe à luz nova evidência de que Jesus Cristo é o Filho de Deus, um ser ressuscitado que não somente apareceu em nossos dias, mas que havia restabelecido sua igreja, e a estava dirigindo.

Ele elevou o homem a uma nova posição como filho literal de Deus, com potencial para tornar-se como Deus, que já vivera antes de aparecer na carne, e que viverá novamente após a morte.

Ele declarou que o homem pertence à mesma espécie que Deus.

Afirmou que o inteiro propósito da criação desta terra é o benefício e vida eterna do homem — e que nosso propósito na vida é termos alegria.

Ensinou que a salvação será universal, que toda humanidade se levantará da tumba e poderá ser perdoada de seus pecados através do arrependimento.

Anunciou que todos os bilhões que morreram sem ouvir o evangelho de Jesus Cristo, poderão ainda ouvi-lo, e, aceitando-o, poderão receber ordenanças necessárias para a salvação, que serão realizadas aqui na terra.

Estas e outras incontáveis idéias são revolucionárias. São idéias que ainda proclamamos ao mundo e que, se aceitas, poderiam mudar a fé existente em todos os homens.

Cinco qualidades de liderança.

Joseph Smith tinha algumas qualidades que permitiram a Deus usá-lo e também permitiriam a Deus usar vocês e eu, caso as possuíssemos. Pois a grandeza não é apresentada numa bandeja ao homem, e nenhum indivíduo pode ser um instrumento nas mãos de Deus, a menos que possua as qualidades que são inerentes à liderança.

Inteligência

Em primeiro lugar, encontramos a qualidade da inteligência. Sem oportunidades para uma escolaridade formal, o Profeta



JOSEPH SMITH
Cinco Qualidades
de Liderança

JOSEPH SMITH
William E. Berrett

interessava-se por quase todos os assuntos. Em 1836, foi um instrumento para trazer à cidade de Kirtland, Ohio, onde a Igreja estava sediada, um certo Professor Seixas, estudioso do hebraico. O Profeta acreditava que os líderes da Igreja deveriam estar familiarizados com essa língua. Mas, quanto é possível aprender de hebraico, em apenas 14 semanas, freqüentando as aulas duas ou três noites por semana? Apenas dois alunos conseguiram ler em hebraico com alguma fluência, após esse período: Joseph Smith e Orson Pratt. Parece que o Profeta foi o único a publicamente debater várias passagens da Bíblia, comparando-as com o texto hebraico.

Freqüentemente determinamos a inteligência de uma pessoa, observando se os pontos de vista por ela apresentados resistem à crítica dos anos subseqüentes. Algumas das idéias políticas de Joseph Smith merecem ser estudadas hoje:

Ele advogava um sistema bancário federal — um tipo de fundo de reserva que não foi estabelecido nos Estados Unidos antes de 1917.

Ele insistiu com o Congresso para que estabelecessem comportas no rio Mississippi para benefício da navegação. Não viveu para ver sua esperança realizada, mas hoje, a represa Keokuk, com suas comportas, as quais permitem que barcos grandes atravessem o rio, foi edificada no exato lugar reivindicado pelo Profeta.

Ele propôs uma reforma penitenciária que somente hoje começa a ser posta em prática. Joseph afirmava que nossas prisões deveriam transformar-se em seminários de aprendizado, se é que esperamos reabilitar aqueles que violaram as leis de nossa sociedade.

Não é por causa do fato de Joseph Smith haver pregado tais coisas, que elas, finalmente, chegaram a ser adotadas. Mas isso indica que seus pontos de vista, em muitos

campos, além da religião, se provaram realísticos e de longo alcance.

O zelo pelo aprendizado.

Há uma segunda qualidade do Profeta Joseph, qualidade que todos nós precisamos ter, se quisermos tornar-nos líderes. É o zelo pelo aprendizado.

Vocês irão recordar uma história do Novo Testamento a respeito de um jovem estudante. Ele viajou com seus pais, José e Maria para assistir à festa da Páscoa. Não sabemos por que a caravana com a qual ele viajou até Jerusalém partiu antes de terminar a festa; mas parece que partiram; estavam havia algum tempo a caminho, quando José e Maria descobriram que seu filho não estava com eles. Voltaram e acharam-no sentado aos pés — ou em pé diante — de alguns mestres judeus. Aos 12 anos de idade, Jesus Cristo tinha uma grande preocupação pelo aprendizado.

Joseph Smith tinha natureza semelhante. Aos 14 anos, procurou a verdadeira Igreja. Não abandonou sua busca, até que descobriu a resposta. Durante toda sua vida, a grande preocupação pelo aprendizado foi uma de suas grandes qualidades.

Esta qualidade da mente está exemplificada nas muitas línguas que estudou. Tinha um conhecimento prático do Hebraico, e freqüentemente estudava a Bíblia em alemão. Aprendeu também a decifrar o egípcio. Em um de seus discursos aos Santos, fez uma lista de quase uma dúzia de línguas e disse: “Se eu viver o suficiente, dominarei todas elas”.

Fé em um Deus vivo.

O zelo pelo aprendizado não teria sido tão vital, e poderia não tê-lo levado a tal grandeza, não fora uma terceira qualidade,

pois que já tivemos homens e mulheres inteligentes neste mundo, que tinham grande desejo de saber e a quem admiramos, mas aos quais faltava, quase sempre, a terceira qualidade — fé em um Deus vivo.

Que tem isso a ver com aprendizado? Joseph Smith indica que freqüentemente quando lutava com um problema, e não podia encontrar a resposta, dirigia-se ao Senhor em oração. Se ele orava com fé, “a resposta”, dizia, “vinha à minha mente, com tal clareza e tal seqüência de idéias, que eu sabia ser de Deus, e eu ditava minha resposta ao meu escriba”.

Não importa quão inteligentes sejamos, ou quão desejosos de aprender, sem fé em Deus, muitas áreas nos estarão fechadas. Mas não estavam fechadas a Joseph Smith.

Penso que um dos exemplos vitais de sua fé encontra-se em sua experiência com o livro de Gênesis, na Bíblia. Qualquer leitor encontrará problemas com esse livro. Por exemplo, o registro bíblico indica que Adão e Eva tiveram três filhos, Caim, Abel e Seth. Caim matou Abel e ficaram Caim e Seth para perpetuar a raça humana. Qualquer que leia a Bíblia sabe que isso seria impossível.

Joseph Smith exerceu grande fé, ao orar ao Senhor para que lhe revelasse o texto original deste livro de Moisés. Os escritos originais haviam sido perdidos para o mundo, mas Joseph orou para que o Senhor lhes revelasse. O texto revelado é hoje o livro de Moisés na Pérola de Grande Valor. Constitui-se em uma das maiores adições ao conhecimento bíblico jamais dadas ao mundo.

Poder de introspecção.

Joseph possuía uma quarta qualidade que é importante para todos nós. É o poder da introspecção — poder de olhar

para dentro de nós mesmos e ver que tipo de pessoa somos.

Cada manhã, cada um de nós olha num espelho e examina nossa aparência física — penteado, maquiagem, saúde geral. Já pensaram que bom seria olhar para dentro de si mesmos — encontrar-se consigo mesmos na rua e perguntarem-se que tipo de pessoas são, interrogarem-se a si mesmos? Vocês conhecem suas próprias faltas, seus próprios pontos fortes?

Aqui está uma interessante qualidade do Profeta Joseph. Ele conhecia suas fraquezas e seus pontos fortes. E declarou: “Eu era uma pedra bruta, até que o Senhor me tomou nas mãos.” (History of the Church, 5:423.)

Muitos de nós escondemos nossas fraquezas. Quando lemos as seções 3, 6, 10 e 24 de Doutrina e Convênios, vemos que o Senhor freqüentemente acusava o Profeta Joseph, por falhar em seguir as orientações que lhe eram dadas. Um homem de menor grandeza não teria registrado essas reprimendas, mas o Profeta nunca se poupava. Ele reconhecia e corrigia seus erros.

Quando traduziu o Livro de Mórmon, Joseph reconheceu sua limitação no tocante à língua inglesa, já que havia tido tão pouca escolaridade. Estudou a língua, e quando a segunda edição do Livro de Mórmon saiu do prelo, ele, pessoalmente, havia corrigido os erros gramaticais da primeira edição. Se vocês quiserem ver o melhor de sua capacidade literária, releriam as seções 121, 122 e 123 de Doutrina e Convênios. Este magnífico escrito permanece como monumento à capacidade de progredir de um homem.

O Profeta reconhecia em si mesmo fraquezas, mas esforçava-se por vencê-las. Ele registrou que, certa ocasião, um homem veio até sua casa, e, de chofre, xingou-o de quase todos os nomes possíveis, debaixo dos céus. O Profeta escreveu que ficou

tão irado, que pôs o estranho para fora a pontapés, até o portão da frente. Voltou a seu escritório e escreveu em seu diário quão indignas de um profeta suas ações haviam sido. E jamais perdeu a cabeça outra vez.

Quando foi preso na cadeia de Liberty, durante o terrível inverno de 1838-1839, sem aquecimento ou comida adequada, Joseph ouviu as histórias tétricas sobre como seu povo havia sido expulso e massacrado, e de como as mulheres haviam sido violentadas. Ele apelou ao Senhor:

“Ó Deus, onde estás? E onde está o pavilhão que cobre o teu esconderijo?”

“Quanto tempo reterás a tua mão...?” (DeC 121:1-2.)

Era uma oração de lamentos. Mas, quando o Senhor lhe respondeu, disse-lhe:

“Ainda não estás como Jó; teus amigos não contendem contra ti, nem te imputam transgressões, como fizeram a Jó.” (DeC 121:10.)

Ele foi lembrado de que o Filho do Homem havia suportado mais que tudo isso: “És tu maior do que ele?” (DeC 122:8.) Joseph Smith não reclamou mais.

Amor às pessoas.

Permitam-me fazer referência a um quinto aspecto, ou característica do homem: amor às pessoas. Ninguém pode ser grande neste mundo, sem amor a seu próximo. Emma (Smith) disse que Joseph não seria capaz de tomar uma refeição sozinho, mas que sempre queria convidar algum estranho da rua para compartilhá-la com ele. (V. *History of the Church*, 6:166.) Os registros estão cheios de exemplos nos quais ele se levantou para defender alguém. O registro escrito por ele mesmo está cheio

de ocasiões em que repreendeu os Santos por criticarem-se mutuamente.

A suprema evidência de seu amor aconteceu em junho de 1844, quando, após haver-lhe sido revelado pelo Senhor que seus inimigos buscavam tirar-lhe a vida, planejou uma jornada ao oeste, a fim de encontrar um lugar para os santos, onde pudessem ficar seguros. Ele havia cruzado o rio Mississipi, quando lhe chegou uma nota de sua mulher Emma: “Os Santos acham que você é um covarde. Dizem que você está fugindo.” Ele proferiu então estas famosas palavras: “Se minha vida não tem valor algum para meus amigos, não tem valor para mim. Hyrum, vamos voltar.” (V. *Essentials in Church History*, p. 374.)

Quando saía de Nauvoo a caminho de Carthage, a fim de entregar-se ao xerife, virou para trás, sobre a sela, e olhando a cidade, disse: “Oh, se eu pudesse falar uma vez mais a meu amado povo.”

A caminho encontrou Steven Markham, que lhe perguntou: “Aonde vai, Joseph?” Ele respondeu: “Eu vou como o cordeiro ao matadouro; mas estou calmo como uma manhã de verão; para com Deus e os homens, tenho a consciência limpa.” (*Essentials in Church History*, p. 376; DeC 135:4.)

Este é o Profeta Joseph Smith, que possuía essas cinco grandes qualidades: inteligência, zelo pelo aprendizado, fé em um Deus Vivo, habilidade de olhar dentro de si mesmo, para corrigir seu próprio caráter, e amor às pessoas. Essas cinco qualidades, possuídas em conjunto, ajudaram a fazer de Joseph Smith o instrumento ideal nas mãos de Deus, para ser um profeta desta dispensação. Essas mesmas qualidades irão ajudar-nos grandemente a magnificar nossos chamados, se as reconhecermos e cultivarmos.

SAUNIATU:



Preparando-se Para Ir Avante

Brian K. Kelly
Editor gerente
Fotos do autor

“Cada um de nós tinha um trabalho, uma meta, e um objetivo. Sabíamos que tínhamos de fazer Sauniatu erguer-se e ser independente”, disse Ed Kamauoha, ao começar a relatar a incrível história de um projeto de serviço que perdurava por vários anos, e que dramaticamente influenciou centenas de vidas.

A aldeia de Sauniatu é agrupada na cratera de um vulcão extinto, a 32 quilômetros a leste de Apia, na ilha de Upolu, na Samoa Ocidental. A maioria das estradas da ilha correm paralelas à costa marítima; pouquíssimas levam ao interior. E embora esteja apenas a 6 quilômetros e meio da estrada costeira, Sauniatu é isolada. Você pode caminhar quase tão rápido como pode correr um automóvel para subir a trilha tortuosa, difícil, que parece ser um gigantesco túnel verde, em meio à vegetação que cresce de ambos os lados do caminho.

Em samoano, a palavra Sauniatu significa “um lugar de preparação”. Os primeiros Santos que estabeleceram Sauniatu tiveram uma visão acerca da importância deste lugar na história da Igreja na Samoa.

Eles sabiam que precisavam de um lugar em que pudessem preparar-se e edificar sua força. Em 1904, quando Sauniatu foi estabelecida, eles haviam sido expulsos de suas aldeias, perseguidos e acusados por serem mórmons. Mais tarde, iniciaram as atividades de uma escola em Sauniatu, que se tornou uma das escolas da Igreja em Samoa. De tempos em tempos, durante os anos que se seguiram, o povo de Sauniatu, e os vários administradores escolares conversaram a respeito da conveniência ou não de se manter em funcionamento uma escola tão distante.

Em 1921, quando os oficiais samoanos pensavam sobre a continuação ou não da aldeia, os élderes David O. McKay e Hugh Cannon chegaram a Samoa em uma visita da Igreja por todo o mundo. Foi durante



essa visita que o Élder McKay pronunciou uma bênção apostólica sobre Sauniatu e seus habitantes. Entre outras coisas, ele os abençoou, dizendo que teriam abundância de alimento e roupas, que suas plantações seriam frutíferas, e que a paz habitaria em seus corações e em suas casas. (V. *Improvement Era*, maio de 1966, p. 366.)

Em dezembro de 1967, o irmão Ed Kamauoha foi indicado como novo chefe de Sauniatu. Durante anos, Sauniatu havia funcionado como escola, mas, com sua chegada, o futuro de Sauniatu estava novamente em jogo.



“Cada um de nós tinha uma meta: fazer Sauniatu erguer-se e ser independente.”



*“Assim é Sauniatu:
um grande jardim construído
numa ilha vulcânica de Upolu.”*

“Havia reais questões administrativas a respeito da eficiência e qualidade da escola”, explicou ele. Todos em Samoa devem, pela lei, passar por um teste padrão de educação do governo, quando saem da escola, e as notas de Sauniatu estavam, em média, cinco pontos abaixo das médias dos outros alunos de outras escolas da Igreja em Samoa. Além das notas baixas nas provas, custava muito dinheiro a operação de uma escola tão distante. Muitos dos alunos eram oriundos de famílias pobres e não podiam pagar as anuidades. O



*“Aqui, a beleza natural
foi aprimorada pelas mãos
dos Santos de Samoa.”*

entusiasmo entre alunos e professores era baixo.

“Senti-me mal com relação à escola”, disse ele. “Como administrador, eu compreendia os problemas, mas também entendia o que as tradições de Sauniatu significam para os Santos em Samoa. Eu sabia que o lugar não era o que poderia ser, porque não vivia de acordo com a bênção do Pres. McKay, de 1921.”

Ed Kamauoha acreditava que Sauniatu tinha um futuro profético ainda por ser cumprido, caso cada um que ali vivesse se importasse. Sua mente permanecia incansável e seu forte corpo polinésio tornou-se carregado com energia nervosa, enquanto planejava atender às inúmeras exigências que pudessem fazer com que os alunos de Sauniatu se tornassem auto-suficientes e orgulhosos e ajudassem a comunidade de Sauniatu a colher as bênçãos prometidas.

Os projetos por ele esboçados para o melhoramento da aldeia eram grandiosos. No entender de muitas pessoas, eram grandes demais para um punhado de professores e algumas dúzias de alunos para se cuidar. Mas, ainda assim, o irmão Kamauoha sentiu que eles seriam capazes de fazê-lo.

“Fazer com que todos trabalhem em um grande projeto é como pôr em funcionamento uma grande maquinaria. Não se pode deixar a coisa correr por si só; é preciso realmente acelerar e mantê-la em movimento”, afirmou o irmão Kamauoha.

Ele também sentia que o desempenho dos alunos na escola melhoraria, e aumentaria o moral dos professores, se eles soubessem que teriam algum controle sobre seu próprio futuro. “Havíamos ficado à espera de que outros nos ajudassem em Sauniatu”, explicou o irmão Kamauoha. “Tentei ensinar o povo que haviam dependido demais de ajuda e assistência de fora. Disse-lhes que o Senhor nos dá cé-

rebros e um par de mãos, e que de nada servem, a menos que os usemos. Assim, começamos a construir estradas, e fizemos isso com as mãos.”

Tão logo as estradas ficaram transitáveis, os jovens de Sauniatu começaram a trabalhar em outros projetos principais. Grupos trabalhavam simultaneamente numa trilha que descia do lado de um rochedo até o poço de natação, em estradas, numa trilha natural, melhorando a plantação, e na construção de uma aldeia samoana tradicional, incluindo uma casa especial do chefe, em memória da bênção apostólica do Presidente McKay.

Levou um ano para que se construíssem degraus de concreto descendo o lado de uma rocha vulcânica até o poço de natação, e a maravilhosa queda d'água abaixo. Quatro rapazes trabalharam nesse projeto. Tinham duas picaretas, duas alavancas, e uma marreta, e trabalhavam todas as noites após as aulas, e todos os sábados, durante seis meses. A pouco e pouco, arrancaram a rocha até que tinham um caminho largo, o suficiente para suportar o concreto até o fundo da queda d'água. Custou-lhes outros seis meses de trabalho básico para fazer o caminho. Traziam a areia da praia num velho caminhãozinho. Adicionaram cimento e trouxeram pedrisco do rio e misturaram o concreto à mão, num tanque cavado de uma rocha grande. Então, com pás, colocaram o concreto molhado em baldes, e baixaram-nos da rocha com cordas presas a longas varas de bambu. Trabalharam num degrau de cada vez, até que o caminho foi terminado.

Enquanto o projeto da queda d'água estava em desenvolvimento, o irmão Kamauoha desafiou as moças a construir um caminho que levasse as pessoas da aldeia até a queda d'água. Planejaram um caminho, mas após inspeção local, viram que não seria bom, e aí o irmão Kamauoha desafiou-as a tentarem fazer outro. Este

outro também não saiu bom. Prestaram relatório, e ele confirmou que não era bom, e lhes disse que o motivo é que não se haviam esforçado o suficiente. “Na terceira vez, fizeram o máximo, e o caminho planejado foi perfeito. As curvas eram perfeitas, elas haviam evitado as partes pantanosas, e o caminho todo estava ideal”, disse ele.

Todas as noites, após a aula, as meninas carregavam cestos de pedregulhos desde o rio, e os despejavam no caminho. Cada uma delas carregava de 25 a 40 cestos de pedregulho cada noite, e, com todas trabalhando, levou somente alguns meses para terminar.

Então os rapazes e moças trouxeram árvores novas das montanhas, para transplantá-las ao lado do caminho. Também trouxeram orquídeas, folhagens e outras plantas para embelezar a trilha. E chamaram ao caminho “O Caminho da ‘Losa’ (Rosa)”.

Outros alunos passavam suas noites e sábados tornando a plantação da escola mais produtiva. Plantaram 22000 “taros”, 4000 bananeiras, e muitos abacaxis e coqueiros.

Os jovens que trabalharam no caminho entre a natureza, aprenderam alguns princípios importantes dos projetos, enquanto tentavam limpar o solo, arbustos e árvores, de modo que uma pessoa, andando pelo caminho, pudesse ver as outras folhagens. Logo que a trilha natural deu de encontro à sólida muralha verde diante deles, voltaram ao irmão Kamauoha e disseram-lhe que não sabiam o que cortar e o que deixar.

“Eu lhes disse que isso era responsabilidade deles, e que não iria pensar por eles. E aí perguntei-lhes: ‘Quando vocês estão em suas fale (casa samoana), e as paule (espécie de persiana tecida de fibra) estão baixadas, o que vocês fazem, quando querem olhar para fora?’ Eles disse-

ram: 'Abrimos as **paule** para o lado, a fim de que possamos ver'. Após aprenderem este princípio, cortaram algumas das árvores e arbustos, e criaram belas janelas naturais, por onde os alunos poderiam vir e estudar botânica, ou meramente caminhar e pensar."

O trabalho também progredia na aldeia samoana modelo, a fim de comemorar a visita do Presidente McKay em 1921, e sua bênção apostólica para Sauniatu. Uma casa especial do chefe foi edificada, e foi chamada casa McKay. Após ser construída, parecia vazia, desprovida de ornamentação, e assim, os jovens foram às florestas cortar troncos de "teak" (planta local). Conseguir os troncos foi um projeto ousado. Após encontrarem uma boa árvore na floresta, tinham de cortá-la. Aí cada uma tinha de ser podada e amarrada a um reboque, para levá-la até a serraria. Após serrados, um artesão nativo começou a entalhar uma lenda samoana nele. Levou muitos meses para conseguir-se o tronco e fazer os entalhes. O dinheiro para o pagamento dos primeiros entalhes foi doado pelos missionários de Sauniatu ou outros



"Nem mesmo as moças se negaram a trabalhar duramente."



"A coragem e o labor dos SUD samoanos confirmam hoje seu amor a Deus e à sua terra."

que estavam impressionados com a vitalidade do povo da aldeia. Entretanto, os jovens ganharam o dinheiro para pagamento da maioria dos 20 entalhes. Transplantaram uma grama especial do rio para as áreas pantanosas da terra. À mão, colocaram as mudas dessa grama acre após acre nos pântanos, e como salário, recebiam cabeças de gado, as quais vendiam para pagar os entalhes.

Quando os entalhes estavam prontos, o irmão Kamauoha perguntou ao entalhador se poderia fazer um busto do Presidente McKay. Quando o irmão Kamauoha voltou para apanhar o busto, o entalhador estava frustrado. As gravuras e retratos que lhe haviam sido entregues eram todos do Presidente McKay em sua velhice. O entalhador contou a seguinte história:

"Ed, vou-lhe dizer algo. Esta é a pri-



meira vez em minha vida que não fui capaz de entalhar o que queria. Normalmente posso fazer qualquer coisa, mas, de algum modo, quando trabalhava neste homem, não podia controlar minhas mãos. Como você pode ver, o entalhe não ficou semelhante ao seu retrato.”

O irmão Kamauoha levou o entalhe de volta para Sauniatu naquela noite. “O sol estava-se pondo, e eu corri até a casa McKay, pus o entalhe sobre o pedestal que havíamos preparado para ele”, disse. “Um velho samoano que vivera a maior parte de sua vida em Sauniatu estava lá, e perguntei-lhe que tal achava o busto do Presidente McKay. Eu fiquei mais para trás e olhei para ele, e o velho homem não me respondia. Voltei-me e perguntei-lhe: ‘O que há de errado? Não gostou do entalhe?’ Aí pude perceber as lágrimas ro-

lando por suas faces. E ele me disse: ‘Sabes, eu estava aqui quando (o Presidente) McKay nos deixou sua bênção. Aquela estátua retrata como ele se parecia quando aqui esteve em 1921!’.

“Noutra ocasião, o entalhador me disse, e lembrem-se de que ele não era mórmon: “Ed, com toda sinceridade eu lhe digo, este entalhe não é minha obra, não é sua obra, mas é obra do Senhor.”

O Espírito esteve em evidência em muitas outras ocasiões. Certa vez, descobrimos que alguém furtava os “taros” que tinham custado muito trabalho para plantar. Ninguém em Sauniatu parecia saber nada a respeito, e o irmão Kamauoha ficou muito preocupado. Naquela noite, ele orou, pedindo ajuda para resolver o problema. Sua oração foi respondida através de sonho, no qual ele viu dois aldeões furtando os “taros” da plantação. Ele viu como eles cavavam, cortando as folhas junto à raiz, e colocando as folhas de volta no chão. Viu onde escondiam as raízes e de como eles voltavam mais tarde, à noite, para buscá-las. No dia seguinte, chamou os dois homens a seu escritório e perguntou-lhes por que estavam furtando os “taros”. Eles se revoltaram e perguntaram: “O que o faz pensar que somos nós?”

O irmão Kamauoha respondeu: “Sei que vocês furtam os ‘taros’, porque o Senhor me mostrou em sonho.” Então relatou, passo a passo, como eles faziam. “Eles choraram, ficaram tristes, e aprenderam uma grande lição sobre a mentira: Você pode mentir para outro homem, mas não para Deus.

“Tenho tido muitas experiências que me fizeram compreender que o Senhor o ajudará a fazer o impossível. Quando você age assim, aprende que conservar o Espírito é a coisa mais importante.

“Certo dia, tínhamos uma equipe de trabalho organizada, e precisávamos de 26000 metros de ‘sennett’ (corda feita de

fibras de coqueiros) para atar as partes do telhado da casa McKay. Eu tinha recebido muitas promessas de várias pessoas que disseram que forneceriam a corda, mas quando fui buscá-la, ninguém ainda tinha feito. Após viajar por toda a ilha, havia recolhido apenas 60 metros, e já estava desencorajado. Orei ao Senhor: ‘Temos trabalhado duro, e ainda não conseguimos a ajuda necessária.’”

Tive de parar na casa da missão para confirmar uma entrevista, e um dos líderes supervisores me disse. ‘Irmão Kamauoha, tenho algum “sennett” que o irmão poderá usar’.

Pensei: ‘que bom’, mas eu não estava certo de que um pequeno presente de um líder em forma de rolinho de “sennett” fosse ajudar muito. Ele foi a seu quarto e voltou com um rolo enorme. Entregou-o a mim e disse que tinha cerca de 26000 metros, pois ele queria construir uma fale (casa) samoana, quando voltasse aos Estados Unidos.

“Você podem imaginar com que pressa voltei ao Senhor e desculpei-me por minhas lamentações. Eu estava realmente aborrecido por ficar sempre desencorajado.”

Quando os vários projetos estavam indo bem no segundo ano, o irmão Kamauoha relatou que as pessoas realmente aprenderam que um trabalho não está feito até que esteja completado. Após construir estradas, pontes, e os degraus para a cascata, o povo de Sauniatu tinha de estabelecer um sistema de transporte de água para as cozinhas. Queriam encanar a água do regato. Não tinham dinheiro para os canos, e assim cavaram procurando canos velhos que haviam sido usados anos antes e os lavaram no rio. Pintaram-nos, transformando-os em peças úteis. Eles tinham canos suficientes para fazer apenas uma linha reta do regato até a aldeia. Vin-

te e cinco metros de rocha vulcânica jaziam no caminho de seu fosso.

“Eu lhes disse: ‘Temos canos bons o suficiente para fazer uma linha reta. Assim, se querem água, e realmente precisam dela, terão de abrir caminho em meio à rocha até o regato! Um enorme samoano, chamado Faleow Itopi, que tinha realmente trabalhado duro nos outros projetos, disse: “Ah, depois de tudo o que fizemos, esta pedrinha é nada.”’

Trabalhamos à noite, com lanternas. As mãos de Faleow sangravam, mas ele deu exemplo aos estudantes e mostrou-lhes como trabalhar. Ele agia assim em todos os projetos. Quando construía estradas, sempre as construía longas demais, e nunca curtas. Jamais atalhava, porque seu coração estava no lugar certo.”

Com Ed Kamauoha, Faleow Itopi, e outros líderes assim, os jovens de Sauniatu aprenderam, que, a despeito de a gente ser pobre, e dos outros homens caçarem de nós, eles eram importantes ao Senhor, e ele os ajudaria a ser os “primeiros”. Onde quer que fossem, após partirem de Sau-



“Tentei ensinar o povo que haviam dependido demais de ajuda e assistência de fora.”

niatu, teriam estabelecido a reputação de fazer o melhor, trabalhando duro.

A maioria dos jovens que trabalhavam em Sauniatu serviram como missionários.

O Elder Pouono Lameka faz missão na Samoa Ocidental. Passou três anos em Sauniatu. Trabalhou na fazenda e na cascata, além de freqüentar a escola. Quando fala de suas experiências em Sauniatu, seus olhos se iluminam e o rosto parece feliz.

“Cresci em Sauniatu”, disse ele. “O irmão Kamauoha incentivava-me a ir à escola, para que eu pudesse progredir e me formar. Ele foi meu professor — hoje, é meu amigo.”

A maioria dos alunos disse que são gratos por terem aprendido a trabalhar, e sentem que essa experiência os ajudou a enfrentar quase todos os problemas. Mati Fuifatu disse: “Ed ensinou-me como fazer as coisas e então me entregou a responsabilidade de fazê-las.

Enquanto os projetos iam terminando, o nível acadêmico dos alunos de Sauniatu melhorava. Ganharam sentimentos de in-

dependência e orgulho, e em três anos, elevaram-se do nível das notas mais baixas, ao das mais altas em todas as escolas da Igreja.

Poao e Atalina Ahoow conheceram-se quando eram solteiros e professores em Sauniatu. Após terem-se casado, decidiram ir para o “campus” universitário da Universidade de Brigham Young, no Havaí, e completarem os estudos. Atalina disse que aprendeu sobre como ser uma boa mãe e de como ensinar a família, observando os jovens trabalhando nos vários projetos.

“Aprendi também que é preciso verificar o projeto após terminado. Se não estiver certo, temos de fazer outra vez.”, disse ela.

Seu marido, Poao, disse que aprendeu muitas técnicas de liderança, e uma vez que entendeu o que é fazer o impossível, sentiu que deveria partir em busca de maior escolaridade, para que pudesse tornar-se um melhor professor. “Aprendi que, às vezes, quando o trabalho é muito difícil, você faz uma piada, e sorri, e as coisas parecem mais fáceis”.

Poao e Atalina lutaram com dificuldades na universidade no Havaí, porque não tinham muito dinheiro. “Aprendemos a fazer sacrifícios, enquanto estávamos em Sauniatu, e o Senhor nos abençoou por isso. Cada vez que precisávamos lavar roupa, visitávamos uma lagoa perto do templo. Cada vez que precisávamos de US\$0.25 para a máquina de lavar automática, a moeda estava esperando por nós na lagoa. As vezes havia mais até, mas pegávamos apenas o necessário para a máquina de lavar. Quando não precisávamos de dinheiro, não víamos moedas na lagoa. Esta é uma das maneiras com que o Senhor nos ajudava”, disse Poao.

O irmão Folau Neria e sua esposa, Leute, consideram Sauniatu como um lugar



*Bananas
crescem
excepcionalmente
bem em Sauniatu*

de bênçãos, porque viram a mão do Senhor ali. Eram recém-casados, quando a maior parte do trabalho estava sendo feita, e a irmã Neria trabalhou com as moças que construíram uma das estradas.

O irmão Neria explicou seus sentimentos a respeito de Sauniatu: “Amo aquele lugar. Foi lá que conheci minha querida em 1942. Alguns dos primeiros professores na escola ensinaram-me. Aprendi a cuidar da obra do Senhor ali.

Construímos aquele lugar com nossas mãos e o embelezamos. Taros, bananas, tudo cresce e produz melhor ali que em qualquer outro lugar na Samoa.

“Aprendemos como trabalhar juntos, e a ensinar-nos mutuamente o trabalho. Eu servia como bispo, e aprendi que, se mostrarmos ao povo como trabalhar e começarmos primeiro, eles logo nos seguirão”.

O espírito de Sauniatu parece afetar todos os que ali vão. O irmão Isamaeli, que trabalha na manutenção da escola, disse que, a princípio, não queria vir. “Mas”, disse ele, “após haver estado em Sauniatu por algum tempo, senti o Espírito

do Senhor sobre minha família. Sabia que era uma bênção estar aqui. Quando minha família está doente, administro-lhes e eles saram. Antes de irmos para cá, minha mulher e eu brigávamos muito, e às vezes eu perdia a paciência com ela. Mas fico feliz em dizer que temos agora muita harmonia em família.

É agradável viver num lugar longe da cidade e de outras aldeias maiores. É quieto, estamos livres de bêbados, assaltantes, e outras pessoas que nos causam problemas.”

Hoje, o “Caminho da Rosa” encaixa-se perfeitamente à descrição do Presidente McKay de que Sauniatu é “o mais belo lugar da terra”. Os jovens que caminham embaixo das palmeiras e orquídeas, são belos. Amam ao Senhor e trabalham duro para progredir e viver o evangelho. E a cada ano um punhado deles está preparado para sair pelo mundo. Aprendem as lições de Sauniatu e as levam consigo. E há um grande princípio de treinamento de liderança, que foi usado em todas as lições de Sauniatu: “Nós os amamos”, disse o irmão Neria, “esta é a maneira como fazemos que trabalhem”.

Aprendemos a fazer
sacrifícios,
enquanto estávamos
em Sauniatu,
e o Senhor nos abençoou
por isso.

*Irmão Cabral,
o supervisor
e os gerentes*



Supervisão de Área do Bispado Presidente - Brasil

Com o rápido crescimento da Igreja no mundo todo, tornou-se necessária uma divisão entre o trabalho temporal e o eclesiástico.

A Primeira Presidência, o Conselho dos Doze e o Primeiro Quorum dos Setenta realizam o trabalho eclesiástico. Sob a supervisão do Bispado Presidente em Salt Lake, os vários departamentos da Igreja realizam o trabalho temporal, assessorando e apoiando a área eclesiástica.

No Brasil, a parte eclesiástica está a cargo do Elder William G. Bangerter, do Primeiro Quorum dos Setenta, Supervisor de nossa área. O trabalho temporal está a cargo do Irmão Osiris Grobel Cabral, Supervisor de Área do Bispado Presidente, com a função específica de assessorar a parte eclesiástica. Ele supervisiona e administra os departamentos que formam os escritórios da Igreja e é responsável por todo o trabalho temporal no Brasil.

Trabalhando juntos, eles levam adiante a edificação do reino do Senhor e ajudam os membros e líderes locais.

Supervisionados diretamente pelo irmão Cabral estão os sete departamentos que compõem os escritórios da Igreja, à Rua Itapeva, 366 — 6.º e 7.º andares. Excetua-se o Departamento de Tradução e Distribuição, com sede à Rua São Tomé, 73.

Os sete departamentos são os seguintes:

1 — Departamento Central Compras:

O gerente desse departamento é o irmão Danilo Talanskas. Ele providencia as mercadorias de que as unidades da Igreja ou outros departamentos necessitam. Pesquisando constantemente o mercado à procura de melhores ofertas, este departamento proporciona economia de tempo e capital para a Igreja, além de oferecer me-

lhor qualidade. As alas e ramos devem dirigir-se ao irmão Danilo Talanskas para qualquer compra, enviando um pedido assinado pelo Bispo ou Presidente do Ramo, Presidente da Estaca/Missão com as especificações do que desejam. O departamento enviará a mercadoria.

2 — Divisão de Construção:

Tendo como gerente o irmão Mark Daniel Fish, esta Divisão tem a seu cargo a construção de capelas e outros edifícios da Igreja no Brasil. Desde a elaboração pelo grupo de arquitetos até a entrega, cada projeto conta com um supervisor que zela pela sua perfeição e exatidão e é responsável por tudo que nele se passa. Os supervisores estão subordinados ao gerente de Departamento, irmão Fish. Ele zela para que os projetos terminem no mais curto prazo, apresentando a melhor qualidade.

3 — Departamento Financeiro:

O Departamento financeiro tem como gerente o Bispo Humberto de Andrade Silveira. Esse departamento administra e contabiliza todos os recursos financeiros da Igreja no Brasil. Controla também o recebimento e saída de fundos, prepara e controla o orçamento, participa do planejamento financeiro e realiza todo o movimento bancário (contas a pagar, a receber, impostos, etc.), paga os funcionários dos escritórios servindo às unidades da Igreja e outros departamentos.

4 — Divisão de Bens Imóveis:

A Divisão de Bens Imóveis providencia a aquisição de todos os imóveis necessários para a construção de capelas ou qualquer outro edifício ou a venda de imóveis pertencentes à Igreja que tenham perdido o valor ou utilidade. Seu gerente é o irmão Aldo Francesconi. A Divisão de Bens Imóveis administra e inspeciona as propriedades adquiridas ou locadas pela Igreja. Realiza também contatos com a prefeitura e outros órgãos públicos, além de estudar o mercado imobiliário constantemente.

5 — Departamento de Manutenção e Funcionamento:

Coordena e supervisiona os assuntos referentes a edifícios, jardins e terrenos. Como parte de um programa de conservação preventiva, que inclui serviços de zeladoria, necessidades de reparos, seguros, prevenção de incêndios etc., o Departamento de Manutenção inspeciona regularmente os edifí-

cios terminados e os respectivos terrenos. O irmão Oscar Erbolato, gerente, supervisiona as capelas constantemente, treinando zeladores, e dando instruções para os Representantes de Patrimônio, que cuidam dos bens da Igreja sob a jurisdição de sua estaca/missão.

6 — Departamento de Registros de Membros e Estatística:

Tendo como gerente o irmão Aparecido Januário, este Departamento realiza um trabalho diferente desse que vimos até aqui. Cuida das informações contidas nos registros e relatórios da Igreja. Essas informações são importantes para a administração do Reino do Senhor, para que possamos ter uma idéia exata da situação de cada unidade. Esse departamento tem como responsabilidade fornecer orientação e instruções aos líderes locais para manutenção de registros e relatórios exatos. Transferindo e recebendo fichas de membros, recebendo e processando registros e relatórios de todas as unidades da Igreja no Brasil, proporciona uma fonte fidedigna de informações gerais e estatísticas para os membros da Igreja no Brasil.

7 — Departamento de Tradução e Distribuição:

Este Departamento traduz, prepara, publica e distribui todos os materiais aprovados pela Igreja. Procura fornecer aos membros literatura de alta qualidade, livros que contribuam para o crescimento espiritual dos membros e materiais de treinamento e de currículo usados pelo irmão José Benjamin Puerta, que é o gerente deste departamento, e inclui também, a impressão e distribuição da A Liahona.

Embora não faça parte da organização administrativa que foi mostrada agora, o Escritório do Conselheiro Legal, à Rua 3 de Dezembro, 43 — 2.º andar e gerenciado pelo irmão Darcy Domingos Coelho Correa, trabalha estreitamente ligado aos vários departamentos da Igreja, prestando-lhes assistência jurídica em todos os assuntos que exijam a sua especialização.

Juntos, esses departamentos apóiam os líderes eclesiais e os membros da Igreja fornecem toda a ajuda de que eles precisam e proporcionam meios mais eficientes para que o Reino do Senhor seja rapidamente edificado.

O Sistema Educacional da Igreja anuncia suas novas instalações em São Paulo, à rua Vergueiro 1883 — 6.º andar — 04102 — São Paulo — SP.

Este é o escritório central no Brasil e seu administrador é o irmão Harry Eduardo Klein, que também anuncia a mudança do Instituto Regular para estas mesmas instalações.

Notícias do Templo de São Paulo

Quem passa atualmente pela Av. Francisco Morato, no Bairro do Caxingui, pode admirar a imponente fachada branca do Templo de São Paulo, onde se lê em gravação dourada "A Casa do Senhor". Apesar da aparente confusão causada pelo trator e homens da obra que estão aplainando o terreno para o ajardinamento que em breve se iniciará, a frase nos traz uma doce paz, uma sensação muito especial de que estaremos mais perto do Senhor quando ele puder habitá-la.

O rápido avanço da construção faz também que os

santos sul-americanos sintam que estão crescendo em espiritualidade e preparação de suas famílias para poderem entrar nesta Casa do Senhor e com ele realizar seus convênios.

Como já foi dito várias vezes nesta página, os detalhes dessa preciosa obra são cuidadosamente acertados e executados no melhor material que se possa encontrar. A novidade do momento é a preparação para instalação do chafariz que deverá ser montado na parte central do jardim principal. A construção dos muros ao redor do templo caminha a passos largos e deverá acompanhar a mesma linha da capela ao lado recentemente inaugurada. As instalações subterrâneas do exterior já estão concluídas. O equipamento da lavanderia está completo e pronto para ser instalado, bem como a bacia de aço inoxidável que revestirá o interior da pia batismal e

a calçada dos fundos do edifício que é ligada com a calçada da capela.

Outra novidade é o início da construção da terceira parte do projeto que será o edifício de cinco andares, atrás dos dois primeiros que são templo e capela da Ala V. O novo edifício deverá abrigar os escritórios da área temporal, o departamento genealógico, uma das casas da Missão São Paulo, distribuição de garments e outros estabelecimentos a serem instalados futuramente. A área construída deverá alcançar sete mil trezentos e oitenta e cinco metros quadrados.

Diante de tais perspectivas, desejamos que as bênçãos do Pai Celestial possam estar sobre todos os membros neste ano que se inicia, para que cada um em breve, tenha diante de si a oportunidade de realizar suas ordenanças sagradas.

O Editor

O Templo, Como e Quando?

P. — Poderei receber meus endowments, ter minha família selada a mim e realizar o trabalho pelos meus antepassados, tudo no mesmo dia? (M. Magalhães — Elder S.P.)

R. — Veja: "Como preparar-se para ir ao Templo.", pág. 4).

P. — Pretendo ir ao Templo com minha esposa e filhos. Qual das ordenanças do Templo devemos fazer

primeiro? Existe uma sequência ou podemos escolher por nós mesmos? (Elder Moreira Lima — Cachoeira).

R. — Tanto você como seu cônjuge devem primeiro receber os seus próprios endowments. Isto pode ser feito imediatamente antes do selamento.

P. — Meus pais já são falecidos, eu e meus irmãos poderemos ser selados a eles? (Dias, Rio de Janeiro — Sacerdote).

R. — Se os pais forem falecidos, os filhos devem esperar que se passe um ano para solicitar essa ordenança.

P. — O que mais espero quando o Templo de S.P. estiver em funcionamento é a

possibilidade de serem feitas ordenanças para meus queridos antepassados já falecidos. O que preciso fazer para isso? (Maria José — V. Imperial — S.P.)

R. — Você tem razão Maria José; esta é uma das principais razões pelos quais os Templos são erguidos. Você deve submeter, com antecedência, os formulários de Lançamento (para ordenanças individuais) e/ou de Selamento Matrimonial. Para preencher esses formulários você encontrará na publicação Sumário do Manual de Submissão de REGISTROS. Consulte também o líder de Genealogia de sua Ala (ou Ramo).

P. — Fui batizado em agosto p. passado, já sou um mestre e logo que comple-

tar 18 anos, pretendo sair em missão. Poderia antes de partir passar pelo Templo? (Francisco Silva — Itaim).

R. — Os requisitos básicos para você receber seu próprio endowment são:

a) Você precisa ser membro da igreja há pelo menos um ano (quando o Templo estiver funcionando você já o será).

b) Precisa primeiro receber o Sacerdócio de Melquisedeque.

P. — Gostaria de saber quem fornecerá a recomendação para entrar no Templo e fazer ordenanças. A quem devemos pedi-la? (Marques — S. Sac. — S.P.)

R. — As recomendações serão fornecidas após duas entrevistas. A primeira com seu bispo/presidente de ramo, que o encaminhará ao Presidente de Estaca/Missão para a segunda. As recomendações serão assinadas por ambos e poderão ser usadas em qualquer dos Templos da Igreja em todo o mundo.

P. — Estou de mudança para outra cidade, transferido pela empresa onde trabalho. A quem devo pedir a recomendação para ir ao Templo, ao meu atual Bispo ou devo solicitá-la na nova cidade? (José Souza Neto — Santana)

R. — Sugerimos que a peça ao seu atual Bispo. O novo Bispo (da outra cidade) não deve emitir uma recomendação para o Templo para um membro que se muda para a Ala até que essa pessoa tenha sido membro registrado em sua ala há pelo menos um ano.

ESTA É A SUA RECOMENDAÇÃO PARA O TEMPLO

Você é Moralmente Digno?

Quando nos fizerem esta pergunta o que responderemos?

Qual é o conceito de moralidade exigido?

Qual a medida padrão a ser adotada?

Ao falar em recomendação para ir a um Templo do Senhor é necessário pensar primeiro no seguinte:

A Casa do Senhor é uma casa de ordem.

O Senhor não admite confusão nem interpretações pessoais, nem "geitinhos" especiais.

Para que haja perfeita ordem, foi ordenado, através de revelações aos profetas, que todo o homem e mulher realizem seus próprios endowments, e façam obras de amor pelos parentes já falecidos.

Mas, de que maneira? Da forma como vive o "mundo" atual? Seguindo os padrões dos homens? Ou haverá necessidade de mudanças em nossas vidas, em nossos hábitos, em nossas conversas com amigos e parentes? Na escolha de leituras, filmes, programas de TV ou rádio, teatro etc., vivamos realmente como Santos do Senhor.

Em (1 Néfi 15:34) lemos o seguinte: "nenhuma coisa impura poderá entrar no reino de Deus..."

E novamente, "...nada que é impuro poderá habitar com Deus..." (1 Néfi 10:21)

Não fosse pelas maravilhosas bênçãos do arrependimento e do perdão estaríamos numa situação desesperadora, pois quem de nós, exceto o Senhor Jesus Cristo, viveu ou vive imaculado nesta terra?

Em "O MILAGRE DO PERDÃO", nosso profeta equaciona muito bem, o que é ser MORALMENTE DIGNO, e também a única forma correta que o Criador proporcionou a seus queridos filhos, para aproveitarmos realmente nossa passagem pela terra. (Sugerimos a leitura deste livro). Cuidado com a procrastinação. Gostaríamos de lembrar do livro de Alma 34:32 "Pois eis que esta vida é o tempo de os homens se prepararem para o encontro com Deus...", ao nos aprofundarmos no propósito divino da vida, veremos que muitas coisas precisam ser feitas por nós para atingirmos o grande objetivo do Criador, conforme o propósito que Ele estabeleceu para a vida: "Porque eis que esta é a minha obra e minha glória: proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem" (Moisés 1:39).

Algo precisa mudar, e podemos afirmar que não é o mundo que vai mudar, somos nós que precisamos mudar nossos pensamentos, nossas ações, nossa vida.

Tracemos agora uma rota segura para nossas vidas. Uma rota baseada no Evangelho pleno que possuímos.

Aceitemos os conselhos e as diretrizes do Profeta. Tomemos a decisão e teremos a certeza da suprema felicidade, de uma vida cheia de sucessos agora e no futuro.

Poderemos responder ao Bispo ou Presidente de Ramo, e depois ao Presidente de Estaca ou Missão: Sim, sou moralmente limpo. Estou digno de entrar na Casa do Senhor. Posso conviver com Ele.

O Senhor nos ama muito, é preciso que nós o amemos também, dando provas disso através da obediência a seus mandamentos.

Firmes, Marchai!



AIM

Estaca Curitiba

“Alguém

Espera por Você”

A Estaca de Curitiba realizou a conferência da AIM na cidade de Ponta Grossa, Paraná, com a participação de 140 rapazes e moças, sob o tema “Alguém Espera por Você”. Alojados no colégio Agrícola Augusto Ribas, a programação iniciou-se na noite de sexta-feira com um jantar de confraternização seguido de atividades recreativas.

Sábado, no período da manhã, houve competições esportivas com a finalidade de desenvolver o espírito de competição e aprimoramento de caráter.

A tarde foi dedicada a palestras de caráter espiritual e educativo. À noite, sob o tema “Uma noite em Shangrilah” houve um grande baile, onde um alto padrão de conduta foi seguido.

No domingo, a primeira parte do dia foi dedicada a palestras sobre a importância do Instituto e a preparação missionária. Esse final de palestra encerrou a manhã com um almoço que foi o início das despedidas que se encerraram com uma reunião de testemunho. Quando a fé, pureza, mente sã e o testemunho da verdade se aliam a saúde, força e entusiasmo da juventude ela se agiganta para as grandes tarefas.

“Eu sei que vive meu Senhor”

Morava em Novo Hamburgo, uma linda cidade do Rio Grande do Sul, quando fui abençoado com meu precioso chamado. Dobrei os joelhos e orei ao Senhor, desejoso de ser um instrumento em suas mãos e adquirir um testemunho mais poderoso e pessoal de sua existência.

Antes de partir, recebi de uma querida irmã o endereço de seus parentes no Rio de Janeiro. Pedi-me que os visitasse, mas que não comentasse nada sobre a igreja por serem eles demais apegados à sua religião. Prometi que os visitaria e ao chegar à missão examinei as coisas que devia fazer e fiquei desapontado ao ver que havia perdido o endereço daquela família. Mas devido ao grande e maravilhoso trabalho que havia pela frente conservei-me confiante de que os encontraria.

Três dias depois encontrei uma senhora no ônibus, que disse ser mórmon e ter uma amiga que precisava demais de nossa visita. Decidimos visitá-la naquele momento. Fomos bem recebidos e em uma semana já tínhamos dado quase todas as palestras; lembro-me de como o Espírito Santo sempre estava conosco ao testificarmos da veracidade do evangelho.

Todos os dias ela ia cedo à praia e além de apreciar a paisagem estudava grande parte do Livro de Mórmon. Na véspera do meu aniversário ela orou fervorosamente ao Senhor e ao chegarmos em sua casa tivemos a alegria de ouvir: Eu sei que A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é verdadeira; estou ansiosa para ser batizada.

No dia do meu aniversário, tive a felicidade de batizá-la. Foi o presente mais especial que já recebera até então. Ela fez questão de pagar o dízimo antes do batismo e jamais esqueço aquele momento tão feliz, tão cheio de espírito, que nos comoveu até as lágrimas.

Após um mês fui transferido e recebi desta querida irmã uma carta dizendo: “Elder Grahl, recebemos uma carta de nossos parentes em Novo Hamburgo, dizendo que você nos visitaria. Que experiência maravilhosa o Senhor nos deu”.

Naquele instante o Espírito do Senhor tocou profundamente meu coração. Emocionado, cheio de amor e gratidão ergui os olhos ao céu dizendo: “EU SEI QUE VIVES, MEU SENHOR”.

Desafio todos vocês, nobres e poderosos jovens, a se prepararem e participarem deste maravilhoso trabalho missionário com todo o poder, mente e força, a fim de que sejam fortalecidos e abençoados nesta vida e por toda eternidade. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

JOÃO ROBERTO GRAHL — Ex-Missionário da Missão Brasil Rio de Janeiro — Diretor do Seminário e Instituto.



34. Eis que muitos são chamados, mas poucos são escolhidos. E por que não são eles escolhidos?

35. Porque seus corações estão tão fixos nas coisas deste mundo, e aspiram tanto às honras dos homens, que não aprendem esta única lição —

36. Que os direitos do sacerdócio são inseparavelmente ligados aos poderes dos céus, e que os poderes dos céus não podem ser controlados nem manipulados a não ser pelo princípio da retidão.

37. É certo que esse poder pode ser conferido sobre nós; mas, quando tentamos encobrir os nossos pecados ou satisfazer o nosso orgulho, nossa vã ambição, exercer controle ou domínio ou coação sobre as almas dos filhos dos homens, em qualquer grau de injustiça, eis que os céus se afastam; o Espírito do Senhor se magoa; e, quando se afasta, amém para o sacerdócio ou a autoridade daquele homem.

38. Eis que, antes de o perceber, ele é entregue a si mesmo, para recalcitrar contra os aguilhões, perseguir os santos e lutar contra Deus.

39. Nós aprendemos por experiências dolorosas que é da natureza e disposição de quase todos os homens, que tão depressa adquirem um pouco de autoridade, como supõem, logo começam a exercer injusto domínio.

40. Por isso, muitos são chamados, mas poucos são escolhidos.

41. Nenhum poder ou influência pode ou deve ser mantido por virtude do sacerdócio, a não ser que seja com persuasão, com longanimidade, com mansuetude e ternura, e com amor não fingido;

42. Com benignidade e conhecimento puro, que grandemente ampliarão a alma, sem hipocrisia e sem dolo.

43. Reprovando às vezes com firmeza, quando movido pelo Espírito Santo; e depois, mostrando um amor maior por aquêle que repreendeste, para que não te julgue seu inimigo;

44. Para que ele saiba que a tua fidelidade é mais forte do que os laços da morte.

45. Que as tuas entranhas também sejam cheias de caridade para com todos os homens e para com a família da fé, e que a virtude adorne os teus pensamentos incessantemente; então tua confiança se tornará forte na presença de Deus; e, como o orvalho dos céus, a doutrina do sacerdócio se destilará sobre a tua alma.

46. O Espírito Santo será teu companheiro constante e o teu cetro um cetro imutável de retidão e verdade; e o teu domínio um domínio eterno e, sem medidas compulsórias que fluirá a ti para todo o sempre.